

PREÂMBULO

BUSCAS E IMERSÕES

Longa, áspera a trajetória civilizatória. Sentimentos íntimos em multimilenar, explosiva combustão. Conflituosas, em grande parte, as relações interpessoais. Instintos aflorados. Interesses egoísticos. Sanhas do poder. A avidez do ter. Loucuras do ser.

A natureza humana é, por si, ardente, convulsiva, convulsionada. Nosso passado, de gritantes, gigantescas paixões. Gênios calorosos, acalorados. Atritar-se de percepções, afeições qual o choque de armaduras e lanças nos doridos campos de luta...Corpos, almas, eivados de desejos. Danças de trejeitos arditos. Sinuosidades. O aroma penetrante, distante de vinhedos, alcovas, tabernas, campos de batalhas, noites ao luar...Vidas...Quantas vidas...

Ao homem, em seu itinerário evolutivo, a complexa, aparentemente desconexa dualidade: a) externamente, a luta, o combate, o choque; b) no ímo do ser, a solidão, o refúgio, a ânsia existencial. Fome e sede de convivência, de "reparações", de "realimentações", reciprocidades...E há quantas eras?!

O desafio do reencontro consigo com pessoas amigas e o Eterno. E, para corações eremitas, há um tempo de se sair da rochosa tenda, de deixar o acampamento, de ver o céu azul, real, pontilhado de constelações. Tempo de se apurar os ouvidos, reter os sons convocativos das fontes, dos fundos montes, os uivos cálidos, furtivamente tão próximos...

Abandonar-se ao momento. Ilações, dramas do passado são-nos ainda insuportáveis, em seus processos de decantação, absorção, fluência, incandescência... Laivos telúricos em momentos de sublimação, canalização, ascensão...Caminhar, marchar com a alma desperta, reerguendo, reedificando, retificando-se, transformando chammas fustigadoras em precisa lâmpada para nos iluminar a jornada, individualmente, a dois, a quatro ou - quantos e tantos - mais viandantes...

Entradas e saídas

Em tempos de Pandemia, cotidianos, costumes, fluxos e até rotas parecem ser redesenhados - ou adaptados. Muito se fala, aliás, em entradas e saídas dos municípios quando vem à tona a restrição de trânsito. Curioso pensar que no Século XVIII o movimento foi contrário: naquela época, os caminhos precisaram ser ABERTOS. E daí surgiram "passagens, entrepostos, acampamentos, lavras, bivaques por onde transitavam tropas, boiadas, caravanas, transeuntes. Muitos dos núcleos urbanos, aliás, se constituíram de forma longitudinal, com casas que eram edificadas ao longo de uma estrada ou trilha".

Pág. 04

Semana Santa



Quem nasceu ou mora no interior de Minas Gerais sabe bem: logo que chega a Quaresma começa também o período de "Encomendação das Almas". A tradição tem origem na Portugal e Espanha do século XVII, desembarcando por aqui com os padres jesuítas. Toda essa história cheia de cultura, religiosidade e misticismo é contada em artigo especial assinado por Maria Elena Caputo de Castro.

Pág. 07

O peregrino sujo

"Não me lembro ao certo quando passei a enxergá-lo, acho que foi quando o seu aspecto rude passou a incomodar. Parecia tudo, menos um peregrino. A barba era grisalha e se misturava ao cabelo. Calçava um par de velhas sandálias rotas, usava um cajado desajeitado como ele. Olhando aquela figura singular eu julguei que o último banho que ele havia tomado tinha sido com as águas do dilúvio bíblico".

Pág. 08

ADIVINHAS

- 1- O que um poste disse para o outro?
- 2- O que é que quanto mais se perde mais se tem?
- 3- Depois de quantas voltas o cachorro se deita?
- 4- O que é que você vê tanto na luz quanto no escuro?

Respostas: 1- Essa "harada" toda é sua? 2- Os anos; 3- Depois da última; 4- A letra "U".

Provérbios e Adágios

- Duro com duro não faz bom muro
- É tempo de murici, cada um cuide de si.
- Ervas ruins, geadas não matam
- Formiga quando quer se perder cria asas.
- FIADO é com o diabo, aqui não é inferno.



Para refletir

FRASES DE DALAI LAMA

Dê a quem você ama asas para voar; raízes para voltar e motivos para ficar.

O que é meu inimigo?
Eu mesmo. Minha ignorância,
meu apego, meus ódios.
Aí está meu inimigo...

Seja a mudança que você quer ver no mundo.

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

AO PÉ DA FOGUEIRA OUVIDOS EM BRASA

Uma senhora, sem dúvida, conceituada, polida, esposa dedicada, cidadã atuante. Disso, não havia a menor, nem a mínima dúvida. Era, todavia, fastidiosa, entendiante ao conversar. Monopolizava toda e qualquer conversa, voz arrastada, alongada, cansando, dessa forma, os interlocutores.

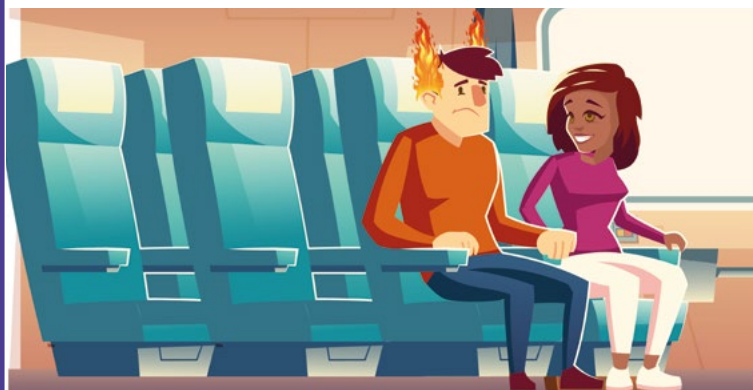
O fato se agravava quando temas religiosos, vezos doutrinários entravam em cena. Ai, a senhora, que era ligada a certa denominação religiosa, com rígida, radical interpretação bíblica, buscava ela, por todos os meios, convencer, doutrinar o "infiel" à sua frente. Julgava ela ser esse seu dever inderrogável, o que fazia a conversa, ou melhor o monólogo se estender por horas. Daí o tédio, o cansaço, o asfíxiamento, quando não o desprezo íntimo das pessoas envolvidas, levando-as ao distanciamento. – "Ela é um pé na orelha", eis o comentário que dela se ouvia frequentemente.

Um nosso conterrâneo, em viagem de ônibus para Belo Horizonte, teve como companheira de poltrona justamente a dita senhora. Normalmente, uma viagem entre 3 a 4 horas. Para ele, um século. Tempos ininterruptos de suplicio, de provação para nosso amigo. A senhora, tão logo o ônibus dá partida, passa a narrar-lhe um caso. Assunto familiar mesclado com alongadas intervenções doutrinárias e bíblicas. Ei-lo cercado por todos os lados, por todas as armas. Não há espaço, a mínima brecha para questionamento, aparte, qualquer coisa que lhe desse fôlego ou um respirar mais fundo. Não há condição sequer para um armistício, por menor que seja – o abrir uma janela, uma pequena soneca, dar uma saidinha ao ensejo das paradas do ônibus ao longo do trajeto (como em Carmópolis e Itaguara).

Tão logo o veículo tocou a rodoviária na Capital mineira, nosso amigo, com assuntos a serem tratados no centro da cidade, suor em bagas, ouvidos ardendo, ouviu da companheira a informação de que ela retornaria no ônibus da mesma empresa no dia seguinte. Convidou-o, provocou-o: - Nossa conversa ainda não terminou. Amanhã, na volta, conto-lhe o restante do assunto.

Foi como se tomasse um tiro. Ele, que pensava justamente retornar no ônibus no dia seguinte, ante a perspectiva da "continuação do caso", caso reencontrasse a fastidiosa conterrânea, decidiu estender sua estadia por mais um dia na capital, retornando por outra linha de ônibus, via São João Del-Rei.

Ufa!



Segundo Freud, pessoas monopolizadoras exercem uma forma de narcisismo. Geram imagens autóctones, animistas, que são representações e encruzilhadas a satisfazerem o ego em sua necessidade de encontrar e organizar uma figurabilidade convergente, uma imagem coerente - a imagem de si mesma. (Obras Completas, cap. Introdução ao Narcisismo).

Nota: No boletim nº CLXI – fev/2021, na página 17, onde se lê 200 ANOS DO PERSONAGEM ZORRO leia-se 100 ANOS DO PERSONAGEM ZORRO

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



OS MONTES DA CAPELA SENHOR DOS MONTES

PARTE 2: A FÉ QUE NASCE E PERMANECE NOS MONTES BRASILEIROS

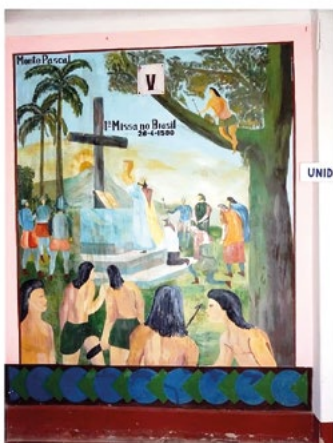
Os painéis (IV e V) à esquerda da entrada trazem o outro contraponto do Santuário, ou seja, se os da direita, já publicado anteriormente, trazem a referência da pátria na memória de suas batalhas nos montes italianos, os da esquerda nos trazem a memória de nossa fé, simbolizada em dois montes brasileiros.

O painel V são dois apontamentos que nos ajudam a identificar o entendimento: Monte Pascal e primeira missa no Brasil. Eles fazem referência à chegada dos Portugueses no Brasil e, junto com eles a fé cristã católica. As treze caravelas portuguesas, lideradas por Pedro Álvares Cabral, chegam ao Brasil, no dia 22 de Abril de 1500, com o objetivo de colonizar esta porção de terra, da qual eles não tinham noção da dimensão. Ao avistarem o primeiro ponto de terra, acreditaram se tratar de um monte, e por este motivo deram-lhe o nome de Monte Pascoal (monte da Páscoa), pois estes desembarcaram no Brasil durante a época da Páscoa. É um monte de 586 m de altura, que está localizado em Itamaraju, no Estado da Bahia, a 62 km de Porto Seguro. O local foi habitado pelos índios Tupinambás e, em seguida pelos Pataxós, os quais sobreviviam do artesanato, da caça e da pesca.

Havia naquele contexto duas preocupações para o Reino de Portugal: a conquista de novas terras e a expansão do catolicismo. Ao obter a dupla missão de dilatação do império e da fé, cabia à Coroa Portuguesa o papel de padroeira da Igreja Católica nas terras recém-conquistadas. Com isso, procurava-se obter uma compensação pelas perdas territoriais que a cristandade europeia sofreu após o início da reforma protestante, ou seja, inserida dentro da estratégia da chamada Contrarreforma. Foi dentro deste contexto de expansão do cristianismo que o frei franciscano Henrique de Coimbra (1465-1532), célebre missionário na Índia e na África, celebrou a primeira missa nas terras recém descobertas por Portugal no dia 26 de abril de 1500, Domingo de Páscoa. O religioso havia sido escolhido como guardião dos conventos que a Ordem Franciscana iria edificar na Índia sob os auspícios papais. Na frota comandada por Pedro Álvares Cabral, ele comandava um grupo de clérigos seculares que se destinavam a comandar missões no Oriente. A missa celebrada por frei Henrique teve a participação de todo o grupo de frades e sacerdotes que integravam a frota. A cerimônia foi assistida pelos portugueses e também pelos nativos. O quadro de Victor Meirelles ficou famoso ao procurar recriar a cena desta primeira Missa celebrada no Brasil em Porto Seguro. Observe o leitor que o painel que analisamos foi inspirado nessa pintura.

Outra cerimônia importante de cunho cristão foi a colocação de uma cruz, símbolo a qual houve a vinculação com o nome do lugar encontrado: "Terra de Vera Cruz". Na ocasião de sua partida, o frei recebeu das mãos de Nicolau Coelho, crucifixos de estanho que deveriam ser distribuídos aos indígenas. Pelas mãos de frei Henrique, o primeiro missionário do Brasil, lançava-se assim a fixação do Evangelho no Brasil.

O painel IV trata do Monte Corcovado no Rio de Janeiro onde se encontra a imagem do Cristo Redentor. O cume do Corcovado pode ser avistado desde muito longe tanto da Baixada Fluminense ou até da Região Serrana Fluminense, como por navegantes vindos do mar aberto como do fundo da Baía de Guanabara. O morro recebeu o nome



de Corcovado em virtude ao seu formato curvo do morro, que lembra uma "corcunda" ou corcova. A palavra vem do Latim *concurvare*, (dobrar, curvar, fazer uma saliência arredondada). O morro do Corcovado possui 710 metros de altura e encontra-se no Parque Nacional da Tijuca. Ele situa-se ao oeste do centro da cidade, mas mesmo assim pode ser observado desde longas distâncias.

A cidade do Rio de Janeiro tem inúmeros cartões-postais um dos mais icônicos é o Cristo Redentor, famoso por ser uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno. Tudo começou em 1859, quando o padre lazarista francês Pierre-Marie Boss, da Igreja do Colégio Imaculada Conceição, teve o sonho de construir um monumento religioso no alto do Monte Corcovado. A proposta do padre começou a ganhar forma nos preparativos para o centenário da Independência do Brasil, celebrado em 1922. Um ano antes foi aberta uma disputa entre os projetos para o monumento. O vencedor foi o projeto de Heitor da Silva Costa. Nessa mesma época, mais de 22 mil mulheres fizeram um abaixo-assinado para pedir ao presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, autorização para a construção do monumento.

O monumento foi todo construído no Brasil, exceto a cabeça e as mãos, que foram moldadas em Paris. O corpo de Cristo foi feito de pedra-sabão, que foi cortada em milhares de triângulos. Eles foram colados à mão sobre um tecido e, depois, aplicados na estátua. A única parte projetada para o interior da construção é o coração do Cristo Redentor, que mede 1,30m. O monumento está preparado para resistir a ventos de até 250 km/h. O Cristo Redentor encontra-se de braços abertos, formando uma cruz, e tem 38 metros de altura, o que equivale a um edifício de 13 andares. Desse total, 30 metros são do monumento e oito do pedestal. Cada braço tem área de 88 metros quadrados e o pé mede 1,35m. Somente a cabeça pesa 30 toneladas. O Cristo Redentor foi inaugurado no dia 12 de outubro de 1931 e contou com a presença de peregrinos do mundo todo.

A outra referência no painel é do Morro do Capistrano, que fica no Rio de Janeiro. Tem uma altitude de 49 metros e está situado a sudeste de Vila Militar, perto da Estação Vila Militar. Sim, aí existe uma Vila Militar! Lembrando que o treinamento dos pracinhas brasileiros para a guerra foi concentrado no Rio de Janeiro. Claro que não poderia faltar essa referência para o Monsenhor Francisco Elói. E se diz no painel que aí é o berço da Capelania Militar no Brasil. Mas o que vem a ser uma Capelania Militar? Refere-se ao acompanhamento religioso dentro



do Exército. O capelão militar é um ministro religioso encarregado de prestar assistência religiosa a alguma corporação militar (exército, marinha, aeronáutica, Polícias Militares e aos Corpos de Bombeiros Militares). Justamente a missão a qual foi chamado a exercer o Monsenhor Francisco Elói.

Pe Sebastião Corrêa Neto

Obs.: A Parte 1 foi publicada no Boletim nº CLV – agosto/2021 – pág. 13

AUTOR: PE SEBASTIÃO CORRÊA NETO



SÃO TIAGO: PONTOS DE “ENTRADA” E “SAÍDA” DA CIDADE

Sabemos, segundo historiadores, que considerável parte das cidades mineiras originaram-se de caminhos, passagens, entrepostos, acampamentos, lavras, bivaques por onde transitavam tropas, boiadas, caravanas, transeuntes, ao longo dos séculos. Muitos dos núcleos urbanos se constituíram de forma longitudinal, casas que eram edificadas ao longo de uma estrada ou trilha.

São Tiago surgiu inicialmente, por volta de 1708, de um grupamento de mineradores – espanhóis, segundo a oralidade e que aqui erigiram uma ermida em honra a São Tiago Maior, padroeiro de sua pátria – após localizarem veios de ouro na região da Várzea Alegre e Gamelas. Com a instituição da “Picada de Goiás”, em 1737, pelo Governador da Província, Gomes Freire de Andrada, as primeiras sesmarias doadas pela Colônia, localizavam-se entre os Rios do Peixe e Jacaré, área registrada nas Cartas de Sesmaria como “Paragem de Santo Antonio do Rio do Peixe”, que poderíamos considerar, a grosso modo, como primitiva denominação de nosso atual município e território. A partir de então, exauridas as jazidas de aluviões, a existência do arraial – originário

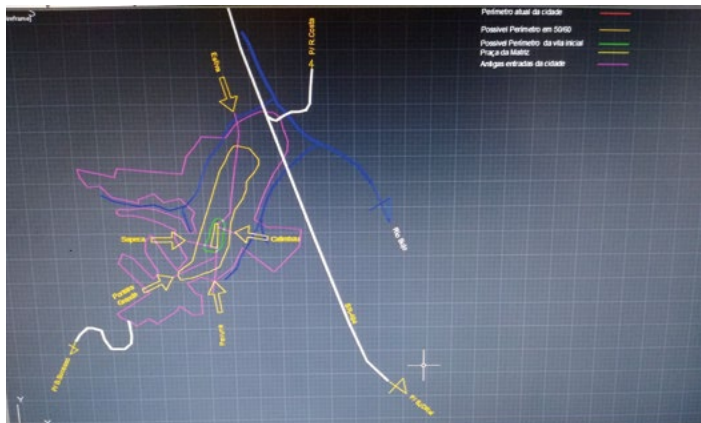
do acampamento inicial de faiscadores e da rústica capela – passou a orbitar em torno da “Picada de Goiás”, ⁽¹⁾ caminho real que saía das proximidades de São João Del Rei, indo até o Triângulo e Goiás. Por aqui transitavam - ou era passagem obrigatória de - comboios, cargueiros, tropas de muars, boiadas, andarilhos, bandos de desordeiros, autoridades, numa algaravia de séculos. Somente em fins do séc. XIX com a introdução de ferrovias e em inícios do séc. XX com o surgimento de veículos automotores e respectivas rodovias, o Caminho de Goiás perderia importância, relegando as cidades, em seu percurso, em particular as do entorno de São João Del Rei ao ostracismo e ao empobrecimento.

À medida que se instalavam fazendas e se ampliava o núcleo urbano surgiam os “pontos” de entrada/saída daquela povoação ou arraial, geralmente ou aproximadamente no sentido dos pontos cardiais. Em São Tiago, chama-nos a atenção de que, no passado, senão até há pouco tempo, tínhamos alguns locais básicos de entrada/saída da cidade, com nomes característicos: Estiva (nordeste), Pavuna (sul), Catimbau (leste) e Sapecá (noroeste).

NOTAS

(1) Sobre o assunto – picada ou trilha de Goiás ver a obra “Ao longo da trilha – lembranças da infância de Minas”, autoria de Ariosto da Silveira, B. Horizonte, Ed.do autor, 2004

ASPECTOS TOPONÍMICOS E ETIMOLÓGICOS



ESTIVA – Local que atualmente compõe o trevo na entrada da cidade, passagem da BR-494 e saída para a BR-381 (Fernão Dias) às margens do Rio Sujo. Reza a tradição local que ali, por força da passagem e entrecruzamento de várias estradas, existiram vários mocambos e construções rústicas ou improvisadas, onde conviviam vendedores, viajantes e também marginais, negros fugitivos, meretrizes, etc. ⁽¹⁾ São inúmeras os significados do vocábulo “estiva”, constantes em nossos dicionários e quase todos ligados à noção de “carga” (sentido “comercial”) ou de “ponte rústica” (sentido “viário” de “passagem” ou “travessia”)

O Rio Sujo, no passado, à época das chuvas, era intransitável, devido espriarem-se suas águas pelas margens, formando extensos “agarradouros” e lamaçais, aprisionando bestas de cargas e viajantes em seu leito viscoso.

Eis alguns desses significados mencionados em nossos dicionários:

- A primeira camada ou porção de carga que se coloca em um navio (ou outro veículo recipiente) e que é geralmente a carga mais pesada
- O contrapeso que se põe em um navio (ou outro veículo recipiente) para equilibrá-lo, evitando que se descaia para o lado mais pesado
- Serviço de movimentação de carga e descarga a bordo dos navios nos portos, compreendendo a retirada e arrumação desta nos porões e conveses
- Pavimento gradeado de uma estrebaria (ou cavalaria) para escoamento da urina e dejetos dos animais
- Fundo interno ou grade que se assenta à primeira porção da carga de navio (ou de caminhão ou vagão) para lhe evitar a umidade
- Registro ou listagem ou pesagem de gêneros alimentícios a grosso que forma(va)m a base ou estoque do comércio de secos e molhados, especialmente os gêneros em grosso
- Taxa ou registro feito por alguns órgãos municipais dos preços de certos gêneros e produtos
- Ponte tosca de paus ou varas atravessados sobre um córrego (MG/RS)
- Ponte feita de um só pau sustentada por forquilhas em terreno alagadiço ou pantanoso

Segundo Silveira Bueno, o termo “estiva” provém do italiano “stiva” e significa “porão dos navios onde se colocam cargas”.

A denominação “Estiva” é antiga, entre nós, e sua origem ou razão (de ser) pode estar ligada a duas circunstâncias. Uma, às pontes rústicas ou de paus gradeados sobrepos-

tos em forquilhas que eram dispostos sobre o Rio Sujo e córregos tributários para permitir a travessia de viajantes, comboios, tropas, etc. que, em grande número, atravessavam então essas novas paragens. Nos períodos chuvosos o Rio Sujo permanecia quase que intransitável, tornando-se caudaloso e barrento, em vasta área, as chamadas lezírias, ocasionando até mesmo a retenção de viajantes em suas margens, por dias e semanas. Outra, a existência, segundo a tradição oral, em tempos idos, de um entreposto (depósito de cereais, gêneros de secos e molhados etc.) certamente de propriedade de algum morador do arraial ou redondezas, ali utilizado para fins de comercialização, abastecimento de viajantes e ainda pelos tropeiros em trânsito, com serviços de carga e descarga de mercadorias.

Esse tipo de comércio recebia ainda o nome de “Fanga”, casa comercial onde se vendiam cereais por estiva (a grosso) e geralmente por alqueires (1 fanga = 4 alqueires) Um alqueire correspondia a 4 quartas ou 36,27 litros.

PAVUNA – segundo o léxico, trata-se de palavra de origem tupi e que, na linguagem indígena, significa “lagoa de águas turvas” ou ainda “lugar escuro”. No Rio Grande do Sul, tem o sentido de “vale fundo e escarpado”. Na acepção de Silveira Bueno, o termo origina-se do tupi “Pabuna”, “lugar escuro, alagado, charco”.

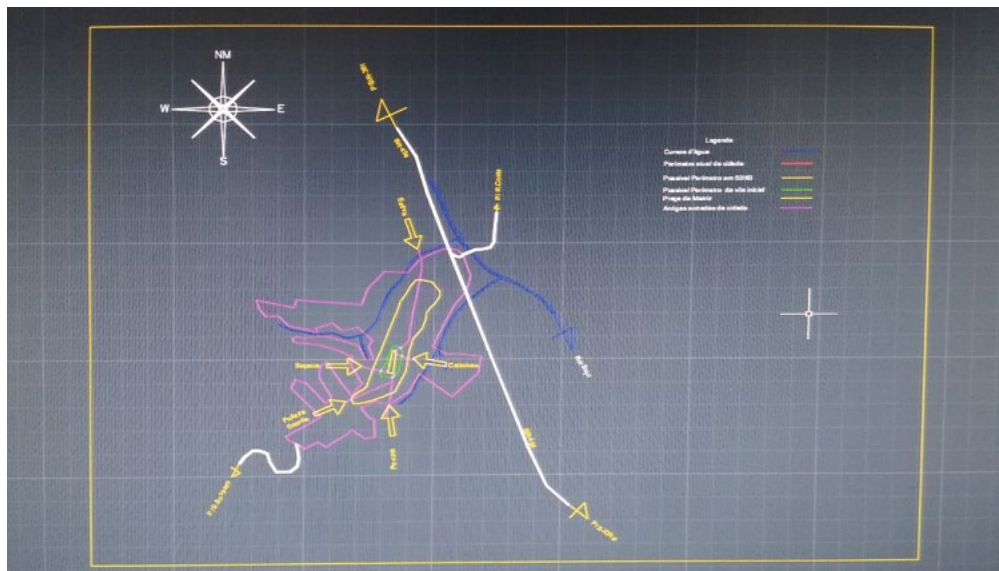
Pavuna indicava ainda, no passado, um tipo de jogo de azar e aparece mencionado por João Lúcio Brandão, autor que viveu em São Tiago em fins do séc. XIX, em sua obra “Pontes & Cia”.

Por curiosidade, denomina-se “Pavuna” um dos locais mais antigos e hoje bairro residencial e industrial da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

Paralela ou contígua à Pavuna, havia ainda a “Porteira Grande” ou “Aguada”, atualmente saída para Mercês de Água Limpa, Bom Sucesso, Macuco (Rodovia LMG-839) A palavra “Aguada”, segundo o dicionário é o local, sitio ou paragem onde se faz o abastecimento de água ou se acha água potável; bebedouro natural; fonte, rio, lagoa ou qualquer manancial existentes numa propriedade agrícola; estância onde se encontram boas vertentes ou arroios; local onde o rebanho bebe água.

CATIMBAU – variante de “catimbó”, “catimbaua”. Palavra que a quase totalidade dos etimólogos classificam como oriunda do tupi “caa + tymba”, porém, emprestam-lhe múltiplos significados. Para Von Martius, a palavra significa “sarro ou cinza de cachimbo”. Teodoro Sampaio a traduz como “madeira ou pau muito alvo”. Antonio Guasch situa-a como de origem guarani (e não tupi) significando “velho”, “(homem) de cabeça branca”. Silveira Bueno a registra como vocábulo de origem tupi na acepção de “pessoa ridícula, malvestida”. Outras interpretações da palavra: “cachimbo de folhas brancas (de fumar)” ou ainda “(local) onde os índios se reuniam para fumar o cachimbo de folhas brancas”. Autores como Renato Mendonça, indicam o étimo como de origem africana, no sentido de “(local) de prática de feitiçaria”, opinião rejeitada pela maioria absoluta dos estudiosos. Termo “Catimbau”, no português atual, contém significados diversificados:

- Prática de feitiçaria ⁽²⁾
- Cachimbo usado, tosco
- Pessoa ridícula, caipira, matuta, janota
- Dança de sapateado de sertanejos (PE)



O caminho do “Catimbau”, em nossa cidade, era utilizado praticamente por pedestres, em especial por pessoas que demandavam a Serra, Morro da Cruz, Rio do Peixe etc. A atual Rua São José denominava-se, então, e ainda hoje, por muitos, Rua do Catimbau.

Assim como na região da “Estiva”, sabe-se, pela oralidade local, que nas adjacências e entorno do núcleo urbano (arraial) localizavam-se muitas cafuas e choupanas, onde se alojavam moradores comuns, e ainda negros alforriados, escravos fugitivos, renegados, meretrizes e párias de toda sorte. Os brancos viam tais locais e suas práticas, inclusive religiosas, danças, etc. com desdém e preconceito, buscando emprestar-lhes denominações desairosas.

SAPECA – Corresponde à antiga saída para Oliveira (antes da implantação da atual rodovia BR-494), conhecida também como “Várzea” ou “Prestes”, (referência ao sr. José Caputo Filho, vulgo “Prestes” que ali residiu e manteve um renomado armazém comercial durante décadas) Região que hoje faz parte do Bairro “Barro Preto”. “Sapeca” é um étimo aplicado, segundo os dicionários a:

- pessoas, geralmente crianças e adolescentes, no sentido de “agitada”, “irrequieta”, “barulhenta”, “festeira”,



“saliente”, “arteira”. No português provinciano, aparece também no sentido de moça namoradeira, desenvolta

- Antiga e pequena moeda chinesa de cobre, com um orifício no centro e que circulou, por tempos, no Oriente, em especial no território português de Macau (China)
- Chamuscadura; moqueação de carnes ou partes da caça para se conservarem; crestar a congonha, erva mate (chá) para secar
- Repreensão, descompostura
- Maçada, estopada (Ilha de Açores), correspondendo ao sentido brasileiro de “sova”, “tunda”

A palavra “sapeca”, segundo os etimólogos, no seu emprego na língua portuguesa, teria duas origens:

- I – do malaio “sa-um + paku” (enfiada de cem moedas)
- II – do tupi “ça + pek”, quando empregado verbalmente, no sentido de “tostar”, “passar ligeiramente pelo fogo”. Segundo Silveira Bueno, “ça-pek” em tupi quer dizer “chamuscar”, “crestar”. Daí os termos cognatos “sapecação”, “sapecadouro” (lugar onde se processa a sapeca), etc.

NOTAS

(1) Ver matéria “Um caso dos tempos do cativo” em nosso boletim nº LXXII – Set./2013.

(2) Nesse sentido, *catimbau* (*catimbó*) indica reunião de pessoas, sob a direção de um “mestre” para cerimônias ou práticas de magia e curandeirismo. Espécie de “pajelança”, mas com liturgia breve, sem o uso de indumentárias especiais e sem o aparato de ritos maiores como os encontrados no candomblé, xangô, etc. Uma miscelânea, segundo alguns estudiosos, de elementos da antiga magia europeia, mesclada no Brasil com métodos afroameríndios.

Segundo Câmara Cascudo (Dicionário do Folclore Brasileiro, ver-

bete “*catimbó*”, Ed. EdiOuro) “*Catimbó não é sinônimo de candomblé, macumba, xangô, grupo de Umbanda, casa de mina, tambor de crioulo, etc. É uma presença da velha feitiçaria (europeia) deturpada, diluída, misturada, bastarda, mas reconhecível e perfeitamente identificável*” (pág.400, op.cit) “*Representa como nenhuma outra entidade, o elemento da bruxaria europeia, da magia branca, clássica, vinda da Europa, herdeira dos bruxos que o Santo Ofício queimou e sacudiu as cinzas no mar*” “*O mestre (do catimbó) é uma sobrevivência do feitiçeiro europeu e não um colega do babalorixá, balalô ou pai de santo banto ou sudanês*” (págs.399/400)

NR: Nossos agradecimentos ao Dr. Décio Coelho pelas imagens e montagem – GPS

QUARESMA E ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS

Quaresma é um período do ano litúrgico que antecede à páscoa. É celebrada em várias igrejas cristãs: católica, ortodoxa, anglicana e luterana.

As atividades religiosas neste tempo, preparam os fiéis para a festa pascal – Ressurreição de Cristo, com jejuns, abstinência de carne, caridade, penitências, adoração e orações.

Nas cidades do interior, principalmente nas mineiras, nos povoados, nas comunidades rurais, em alguns grupos remanescentes, ribeirinhos, acontecem o ritual da “Encomendação ou Canto das Almas”.



A “Encomendação” é uma tradição popular católica, secular, muito frequente em Portugal e Espanha, desde o século XVII, vindo depois para o Brasil, com os padres jesuítas. Praticava-se durante a quaresma, com o objetivo de rogar preces em favor das almas do purgatório, visando seu progresso espiritual com alívio de suas “penas”, apagando o “fogo da purificação” e é também um convite “aos vivos” para seguirem boas regras de conduta cristã, promovendo assim uma caridade com retorno. É uma prática repleta de misticismo, segredos e mistérios...

Em São Tiago, por exemplo, na década de 50/60 existiam vários grupos de “encomendação” que saíam à noite, durante o período da quaresma.

Minha experiência foi no grupo do senhor José Avelino, junto com D. Nhanhá sua esposa, filhos: Avelino, Careca, Raimundo, Marta, Mariquita, Lelé, Vicente, mais a vizinhança e primos: João da Gracinha, Auxiliadora do Tonho, Orlando da Nenega, Nem e Altair, Torres e Ercílio, Toninha e Silva Tinarinho, filhas da D. Isabel, meninas da Vitória, Dágma da Titina, filhas da Floripes, Arlete da Lourdes, Maria Milota, Lute Sampaio, Teco da Maria José, etc...

Encontrávamos na casa do Sr. José Avelino e com silêncio, orações e cantorias seguíamos para a porta do cemitério. Muitos conduziam “velas acesas”. Este ri-

tual tinha por finalidade “apanhar as almas”, que depois, na visão do rito, elas seguiriam conosco no caminho da “purificação”. O grupo seguia com respeito, pelas ruas, becos, praças, rezando, meditando, cantando até a porta da igreja. Sr. Avelino era rígido e não permitia conversas paralelas, somente respeito e ordem e oração.

Algumas casas deixavam velas acesas na calçada, na janela, no muro, no alpendre como sinal para o “encomendador” parar naquele local e fazer oração para algum parente falecido. Os donos da casa, quando acordados, rezavam do lado de dentro e o grupo do lado de fora. Não era permitido abrir portas, janelas e nem “sair acompanhando a turma da encomendação” e nem conversar com eles. Tudo era acompanhado pelo som da “matraca”.

Quando estávamos em casa dormindo, era muito tétrico acordar com a “cantoria da encomendação”. Dava medo, calafrios porque é um lamento de cunho muito triste e dolente... O som da matraca, então!...

Segundo Sr. José Avelino, durante o ritual, os participantes não podiam olhar para trás por causa da procissão de almas que acompanhavam o cortejo, então esta era a parte mais difícil, dada nossa imensa curiosidade de adolescente...

O ritual consistia em cantorias, ladainhas e orações: sete pais-nossos, sete ave-marias. Dedicados à 7 tipos de almas:

- 1) “para Jesus Cristo”
- 2) “pais falecidos”
- 3) “Santos benditos”
- 4) “Almas com pecado mortal”
- 5) “que morreram afogadas”
- 6) “do purgatório”
- 7) “mais necessitadas”

E naquela dedicação de fé, o grupo subia e descia ruas, becos, virava esquinas, pisava em lamas, cães uivavam, luz fraquinha e nos postes, casas fechadas, ruas desertas, céu estrelado e geralmente, noites muito frias... Sempre às segundas, quartas e sextas-feiras - sendo que a segunda-feira era mais importante dia e dedicado as almas e até hoje, as missas enchem igrejas, como por exemplo a Basílica de N.S. do Pilar, em São João Del –Rei.

A devoção às almas ainda hoje ultrapassa em muito à de vários santos e a encomendação só termina na sexta-feira santa, quando “as almas são devolvidas ao cemitério”.

Na volta, D. Nhanhá oferecia um “café quente com biscoitos” e Sr. Zé Avelino conversava conosco, fazendo comentários sobre a noite, exigindo pontualidade nos próximos encontros e fazendo as recomendações de sempre: “Não cantar alto em casa”, “Não ligar o rádio”, “músicas de carnaval!... nem pensar”, “evitar roupas coloridas e de cotadas”, “não beber”, “não desobedecer aos mais velhos” e... “fazer jejuns, penitência, caridade, confissões/comunhão e rezar muito”.

Hoje, praticamente estes costumes desapareceram. Poucas cidades interioranas ainda conservam esta tradição.

É necessário que façamos o relato daquelas épocas, para que os jovens de hoje conheçam mais esta riqueza de nosso folclore e esta demonstração de religiosidade tão expressiva que nossa cidade de São Tiago viveu em décadas passadas.

Maria Elena Caputo de Castro
Professora-Psicóloga



TEXTO VENCEDOR DO 1º PRÊMIO DO VIII CONCURSO LITERÁRIO DO CAMINHO DE SANTIAGO

O SUJO

Lady Foppa - autora

Não me lembro ao certo quando passei a enxergá-lo, acho que foi quando o seu aspecto rude passou a incomodar-me, precisamente em um trecho do caminho de Santiago em que fiquei com sede e sem água.

Desolada eu tentava em vão buscar algumas gotas de água da garrafa que 10 km antes já havia sido bebida totalmente, quando ele surge em uma curva: Parecia tudo, menos um peregrino. A barba era grisalha e se misturava ao cabelo que parecia uma vassoura de bruxa, vestia uma camiseta velha e encardida combinando com a calça da mesma "etiqueta". Calçava um par de velhas sandálias rotas, não levava mochila, apenas um saco encardido preso as costas por cordões, usava um cajado desajeitado como ele, olhando aquela figura singular eu julguei que o último banho que ele havia tomado tinha sido com as águas do dilúvio bíblico.

Diante da minha cara de desolação com a garrafa vazia na mão, o estranho tirou de dentro do saco uma garrafa com um resto de água e ofereceu-me sem nada dizer, agradeci, mas não aceitei, ele simplesmente voltou à garrafa para o saco e se foi. Bateu um arrependimento, não custava nada ter aceitado a água, maldito orgulho o meu, julguei o homem pelo aspecto, talvez a água fosse até mineral, mesmo que não fosse era água e era tudo que precisava, caminhei com sede amaldiçoando o estranho: - Sujeito mais sem iniciativa, por que ele não insistiu? Se tivesse insistido eu teria aceitado e não estaria com a garganta trincando, odiei o estranho sujo e sem alma.

Cheguei ao albergue e encontrei com Laura uma peregrina conhecida que às vezes caminhávamos juntas, era o ano de 1998 não havia muitos peregrinos no caminho e era gratificante encontrar uma amiga brasileira. Dividimos um macarrão com atum e quando entrei no aposento onde iria dormir, deparei-me com o "sujo" na cama ao lado da minha. Ele estava escrevendo e o ignorei, (até estranhei ele saber escrever) comentei com Laura o episódio da água, falei que eu jamais colocaria minha boca numa garrafa imunda daquelas embora soubesse que estava mentindo porque lamentei a falta daquela garrafinha. Laura deitou no beliche de cima e eu fiquei em baixo ao lado do "sujo". Antes de dar boa noite a Laura, comentei com ela que estava preocupada em dormir ao lado do "sujo", porque pelo aspecto ele deveria ter pulgas sonâmbulas que passariam para minha cama, Laura achou graça do comentário infeliz e dormiu, eu sonhei a noite toda que chovia pulgas!

Levantei bem cedo peguei meu sanduíche que havia deixado na geladeira deixei outro para Laura e deixei o albergue, conferi minhas roupas para ver se tinha adquirido pulgas e conclui que as pulgas do sujo eram fiéis a ele para meu alívio.

Caminhei sozinha a maior parte do tempo com chuva, alguns espanhóis passaram por mim, mas preferi seguir só. Cheguei ao próximo albergue molhada até os sonhos, era um albergue municipal, estava aberto e não havia viva alma. Fui até um bar, comprei um bocadillo, tomei um banho reconfortante e fui escrever meu diário. Estava torcendo para chegar alguém com quem eu pudesse conversar e foi aí que ele entrou ao recinto pingando água, pois o infeliz não tinha nem capa de chuva. Fez um leve aceno com a cabeça e eu respondi com um sorriso sem graça, para puxar conversa perguntei se ele sabia da minha amiga, ele apenas fez um gesto negativo com a cabeça e ignorou-me, além de sujo é mal educado pensei.

Ele tomou banho (embora continuasse com o mesmo aspecto)

lavou as roupas esfarrapadas e colocou sobre uma cadeira onde improvisara um varal. Pensei comigo: - Além de aturar o cheiro dele tenho que aturar o cheiro dessas roupas mal lavadas, estou sendo castigada, acredito que em outra encarnação eu coleí chiclete na mesa da santa ceia ou atirei pedras na cruz. Dormimos em extremos do albergue e senti um alívio quando parei de respirar o mesmo ar que dividia com aquele homem mal educado que nem se quer desejou-me boa noite.

Sai do albergue ainda estava bem escuro, as 10 h encontrei Laura que havia dormido em um albergue anterior, mas pegara um ônibus porque precisava chegar à próxima cidade antes da "siesta" para comprar uma nova capa de chuva porque a dela havia rasgado com o vento. Comentei sobre minha noite desagradável e o quanto eu estava infeliz com a presença do "sujo".

O próximo albergue ficamos juntas, conhecemos alguns ciclistas Franceses eram jovens e bem humorados, tomamos vinho e fizemos juntos um cozido de batatas com carne de porco que ficou delicioso.

Estávamos jantando quando o sujo adentrou ao recinto, parecia faminto como sempre, fiz um prato e ofereci a ele que para meu espanto aceitou e sorriu, enquanto conversávamos ele recolheu toda a louça e lavou cuidadosamente. Os jovens tentaram falar com ele em Inglês, Francês, Alemão, Espanhol, mas ele apenas balançava a cabeça e nada respondia, e foi assim que concluímos que o além de sujo ele era mudo e deveria ser também surdo porque não se incomodava com nossos barulhos.

Quando estava arrumando minha mochila, percebi que tinha uma camiseta que quase não usava, ela era bem grande e estava pesando na mochila, falei a Laura que pela manhã iria deixar a camiseta dobrada sobre as sandálias do "sujo", ele pensaria que havia sido um gesto dos ciclistas e faria um bom uso, ao menos andaria mais decente. Saímos do albergue e a camiseta ficou como regalo, meia hora de caminhada e o "sujo, surdo, mudo" passou por nós, deu um leve aceno e se foi vestido em farrapos.

Falei para Laura na maior altura:

- Olha que absurdo, além de sujo, surdo, mudo o infeliz ainda é orgulhoso, não aceitou o meu presente!

Laura falou que eu havia feito minha parte, se ele era mal agradecido o problema era dele, que estávamos no caminho para nos tornarmos pessoas melhores e que humildade, solidariedade e generosidade eram lições a serem aprendidas e ensinadas.

Na próxima cidade, havia dois albergues e ficamos com um grupo de Espanhóis que faziam trechos do caminho nos finais de semana, eram gentis, simpáticos e acolhedores, havia no grupo um casal que tinha vivido algum tempo no Brasil, falarem português conosco e mataram saudades. O sujo, surdo, mudo, orgulhoso não apareceu e eu comentei com Laura que estava aliviada sem e presença desagradável da figura, mas disfarçadamente eu guardei uma sobra da janta na geladeira caso ele aparecesse, mas não apareceu!

No albergue seguinte encontramos novamente com nossos amigos Espanhóis e foi uma alegria. O "coitado do sujo" apareceu, mas ficou alheio ao grupo escrevendo no seu canto, tive pena dele, parecia tão só dentro dele que tive ímpetos de dar-lhe um abraço, comentei com Laura minha vontade e ela incentivou-me a fazê-lo, até dei dois passos em direção ao coitado, mas depois voltei e falei para Laura:

- Melhor não Laura, seguramente aquela barba e aqueles cabelos tem pulgas...

Ficamos olhando para o coitado e rindo, ele nos olhou e riu também, o bobo! Após a nossa euforia, fui conferir meu dinheiro e percebi que só tinha alguns trocados, eu havia me esquecido de

retirar dinheiro no banco, perguntei a Laura se poderia emprestar me 20 dólares até segunda feira, mas ela falou que também estava com pouco dinheiro, mas que dividiríamos o pouco que tínhamos e que Santiago cuidaria para que não faltasse nada para nós. Dormi mal naquela noite, preocupada com a falta de dinheiro, acordei tarde, Laura havia saído e encontrei 20 dólares preso na fita do meu cajado, Laura havia deixado todo dinheiro dela para mim e aquele gesto levou-me as lágrimas.

Encontrei minha amiga em um campo de Gira sois, dei a ela um grande abraço e agradei o gesto que ela fizera. Laura levou o maior susto e garantiu que não havia deixado dinheiro algum, foi aí que chegamos à conclusão que fora o casal de Espanhóis que moraram no Brasil os autores do milagre, eles estavam no mesmo aposento e como entendiam nosso idioma haviam se tornado nossos anjos salvadores. Entramos em uma igreja e rezamos por eles, esse é o caminho de Santiago pensei!

No próximo albergue não encontramos o grupo, lamentei muito, gostaria de agradecê-los e pegar o endereço para ressarcir o dinheiro, pois sabia que só caminhariam até domingo. Pela primeira vez vimos peregrinos que faziam o caminho a cavalo, fiquei pensando que na verdade quem peregrinava eram os animais, não gostei e penso que o apóstolo também não acha isso honesto.

Após o jantar, sai para comprar pão, presunto e queijo para fazer sanduíches que seria nosso almoço, ao invés de dois pães comprei 3 e fiz um para o sujo, surdo, mudo, coitado e bobão.

Antes de dormir falei para Laura (que saía depois de mim sempre) pegar na manhã seguinte o sanduíche que estava na porta da geladeira para ela e o outro que estava na sacola plástica era para colocar sobre as sandálias do "sujo". Laura perguntou por que ela deveria pegar o da porta e eu respondi que o da porta tinha mais queijo estava mais recheado, e como cavalo dado não se olha os dentes, estava mais do que bom o sanduíche que havia feito para ele. Laura achou graça, eu sorri alto, olhamos para o "sujo" que escrevia e pela primeira vez ele sorriu para nós, era um sorriso amigo, como quem sorri com a boca, com os olhos e com a alma, fiquei com tanta culpa que quando saí, deixei meu sanduíche feito no capricho para ele e pequei o outro, ao comer senti que aquele era sem dúvida o melhor sanduíche da minha vida!

No alto de uma montanha fiz uma avaliação do meu caminho e concluí que havia me tornado uma pessoa melhor, me senti como um diamante que após alguns cortes consegue refletir mais luz, o caminho havia caminhado dentro de mim, moldado meu espírito, esvaziado minha alma de mágoas e antigos rancores, eu estava

mais leve, estava feliz e estava imersa na paz, havia me transformado em paz.

Fazia dois dias que não víamos o peregrino estranho, mais um dia de caminhada e chegaríamos a Santiago, senti um remorso por não ter pedido que escrevesse o nome dele para eu saber como me referir a ele, eu havia sido horrível com o pobre coitado, nem uma foto havia feito ao lado dele e ele havia sido parte do meu caminho, cheguei a Santiago com essa culpa.

Após todas as emoções que marcaram minha chegada a casa do Apóstolo e conseqüentemente a minha vida, eu e Laura fomos comemorar em um bar que tem mesas na calçada. E foi aí que observei um senhor muito distinto, de boné, óculos de sol, falando ao celular como se estivesse extremamente feliz, o estranho é que ele estava vestido minha camiseta onde estava escrito o nome do meu estado e do meu país, eu a reconheceria entre centenas, porque eu havia mandado bordar: CAMINHO DE SANTIAGO- GOIÁS-BRASIL.

O homem era português e eu entendia perfeitamente o que ele dizia, fiquei com vontade de perguntar onde ele havia conseguido a camiseta, Laura aconselhou-me a não fazer isso, poderia causar constrangimento ao senhor distinto. A cerveja sufocava-me, não descia pela garganta, não gosto de coisas mal resolvidas, estava angustiada e não parava de olhar para o homem que falava o tempo todo ao celular nos ignorando, em dado momento ele parou de falar, caminhou em nossa direção parou a minha frente, olhou-me nos olhos e disse:

- Bem peregrina, com o caminho concluído terminou meu voto de silêncio, quero que saibas que o sanduíche estava delicioso e muito bem recheado, como podes ver eu apreciei o presente que estou vestindo, não tenho pulgas, estou de banho tomado e gostaria de receber aquele abraço que ficou a dever-me alguns dias atrás.

Foi o abraço mais aconchegante da minha vida, rimos muito quando ele falou:

- Após o sujo, mudo, surdo, orgulhoso e bobão acrescenta VICTOR MANUEL!

Tornamos-nos grandes amigos, tiramos fotos, visitamos igrejas, jantamos juntos e trocamos emoções como velhos companheiros de jornada. Acompanhamos Victor Manuel até o aeroporto onde nos despedimos, quando ele estava entrando na sala de embarque lembrei do dinheiro e gritei!

- Hei Victor, e os 20 dólares? Preciso acertar contigo, foi você quem deixou?

E ele sorrindo respondeu: Não, foi o Apóstolo, acerte com ele!





“OS IRMÃOS KARAMAZÓV”

A FIGURA EXTRAORDINÁRIA DO PADRE ZÓSIMA

O livro “Os Irmãos Karamazóv” de Fiodor Dostoiévski – sem dúvida um dos maiores clássicos da literatura mundial – retrata o intenso dilema de uma família marcada pela paixão e descontrole. Um dos principais personagens, Pe. Zósima, mentor espiritual do jovem Aliocha Karamazóv, transborda sabedoria, experiência, a mais viva fé cristã ao longo das inumeráveis páginas (cerca de 700) do valiosíssimo e intrigante romance. Pe. Zósima encarna a figura do starietz, modalidade de monge sábio, honrado, venerável peculiar à Igreja Ortodoxa Russa.

Ao longo da obra, Pe. Zósima faz extravasar a fidelidade, o amor pleno às Escrituras e a consciência de que elas fossem ensinadas a todos, cuja transmissão (das histórias das Sagradas Escrituras), na acepção de Pe. Zósima seria de competência dos párocos locais, pois “essas narrativas singelas comovem o coração do povo” (p. 290) e “sem a palavra de Deus, o povo fenecerá, pois sua alma está faminta dessa palavra” (p. 291).

Personagem incomparável, Pe. Zósima reflete, no transcorrer dos relatos, todo seu autocontrole, simplicidade, humildade, exuberância e principalmente sua intensa compaixão e solidariedade para com os outros. Solidariedade que nasce de sua compreensão

de que todos somos pecadores. Aconselha: - “Não tenham medo dos pecados dos homens. Amem o homem também e principalmente em seu pecado” (p. 318) Seu nível de aceitação, receptividade, tolerância para com o outro é intenso, retratando-se em seu comportamento, olhar e palavras, pois, segundo Pe. Zósima “cada qual é culpado diante de todos e por todos” (p. 295) Sua vivência, sua solidariedade humana se mostram inabaláveis no combate ao individualismo – a maior de todas as pragas sociais – e na experiência da vida em coletividade. “Para contar os dias basta ao homem um dia para conhecer toda a felicidade. Meus bem-amados, de que serve discutirmos, vangloriarmo-nos, guardar rancor uns dos outros? Vamos antes passear, recrearmo-nos no jardim, beijarmo-nos, abençoarmos a vida!” (p. 285).

Ao lado e além da solidariedade humana é comovente em Pe. Zósima a solidariedade para com animais e plantas. Em diálogo franciscano com os pássaros, roga-lhes: - “Pássaros do bom Deus, alegres pássaros, perdoai-me, porque também pequei contra vós” (p. 286) Apela aos ouvintes em seus momentos finais: - “Amai os animais, porque Deus lhes deu o pensamento e a alegria tranquila. Não a perturbeis. Não vos oponhais ao plano de Deus, tirando-lhes

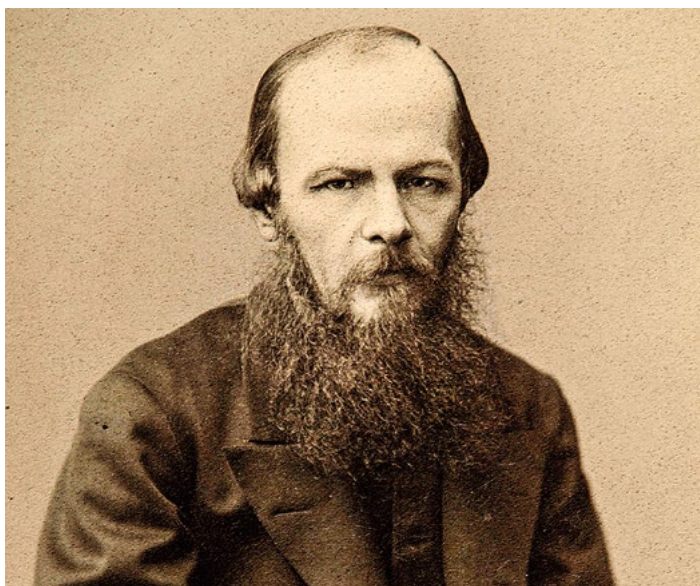
essa alegria. Homens! Não te ergas acima dos animais, eles não têm pecado, ao passo que tu, com a tua grandeza e com a tua aparição, manchas a face da terra, deixando após ti um rasto de podridão (...)" (p. 318)

(Fonte para essa matéria: *Gladir Cabral, Revista Ultimato, n. 382, março/abril 2020*)

"O homem, nas obras de Dostoiévski, como no Gênesis é trágico, criatura dividida, excluídos do paraíso, mas com o desejo de reconciliação" (William Leatherbarrow)

FIODOR DOSTOIEVSKI 200 ANOS DE NASCIMENTO

Um dos maiores romancistas e pensadores da história, cujas obras giram em torno da investigação da psiquê, tratando temas como o significado do sofrimento e da culpa, livre arbítrio, racionalismo, cristianismo, pobreza, altruísmo, ganância, violência, transtornos mentais. Realiza profunda retratação filosófica e psicológica sobre todos e tantos temas, levando muitos biógrafos a rotular Dostoiévski como o criador do existencialismo. São temas polifônicos, recorrentes de conflitos entre ideias e coração, razão e fé cristã, a defesa da liberdade como bem humano supremo. Escritor de mitos, criador de personagens únicos, detinha uma enorme vitalidade e criatividade quase hipnóticas, caracterizadas por cenas dramáticas, atmosferas febris e explosivas, diálogos sócráticos frenéticos, a busca incessante de Deus, o sofrimento dos inocentes. Sua fulgurante obra influenciaria, de maneira ímpar, a literatura, filosofia, teologia, psicologia. Pensador de renome internacional, possuindo estátuas, selos, moedas com a sua efígie, celebrando-se, até hoje, em São Petesburgo, o "Dia Dostoiévski".



Retrato de Fiódor Dostoiévski

Fiodor Dostoiévski nasceu em Moscou aos 11-11-1821. Ficaria órfão de mãe aos 16 anos. Seu pai, médico, seria assassinado pelos empregados da fazenda da família. Estudou engenharia militar em São Petesburgo, aí faleceu aos 09-02-1881, com 59 anos de idade. Vida atribulada, convulsa, prodigiosa!....

Estilo concentrado no enredo, gerando homogeneidade estética às suas obras. Segundo James Joyce, Dostoiévski foi "o homem que mais que qualquer outro, criou a prosa moderna e intensifi-

cou-a e com seu poder explosivo quebrou o romance vitoriano". Citado pelos papas Bento XVI e Francisco em suas encíclicas. Delé disse Francisco: "Os cristãos devemos ler e reler Dostoiévski"

"O verdadeiro profeta do século XIX foi Dostoiévski e não Karl Marx" (Albert Camus)

BIOGRAFIA DE FIÓDOR DOSTOIEVSKI

Fiódor Dostoiévski (1821-1881) foi um escritor russo autor de *Os Irmãos Karamázov* e *Crime e Castigo*, obras-primas da literatura universal.

Seus romances abordam questões existenciais e temas ligados à humilhação, culpa, suicídio, loucura e estados patológicos do ser humano.

INFÂNCIA E JUVENTUDE

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski nasceu em Moscou, Rússia, no dia 11 de novembro de 1821. Filho de Mikhail Dostoiévski e Maria Fiodorovna Netchaiev, ficou órfão de mãe no dia 27 de fevereiro de 1837.

Nesse mesmo ano, foi enviado para São Petersburgo onde cursou a Escola de Engenharia Militar. Em 1839, seu pai, que era médico, foi assassinado pelos colonos da fazenda onde vivia. O fato provocou grandes transtornos na vida de Dostoiévski, que teve os primeiros ataques de epilepsia quando soube da morte do pai.

PRIMEIRAS OBRAS

Em 1841, o escritor dedicou-se à composição de dois dramas históricos, *Boris Godunov* e *Maria Stuart*, mas não os concluiu.

Dois anos mais tarde, terminou os seus estudos e começou a trabalhar na seção de engenharia de Petersburgo. Traduziu duas obras românticas - *Eugênia Grandet*, de Balzac e *Dom Carlos*, de Schiller. Em 1844, demitiu-se do cargo público e começou a escrever o seu primeiro romance, *Pobre Gente*, novela que descrevia o ambiente medíocre onde vivia. A obra foi publicada em 1846.

Em 1847 publicou a segunda edição de *Pobre Gente* e, em 1848, publicou *O Duplo*, romance que não obteve sucesso. Sua obra, antes elogiada, estranhamente começa a declinar. A mudança tão inesperada isola Dostoiévski do convívio geral. Começam a surgir dúvidas a respeito da sua própria capacidade enquanto escritor.

PRISÃO

Em 1847, Fiódor Dostoiévski envolve-se na conspiração do revolucionário Mikhail Petrashevsky no combate ao regime de Nicolau I. É preso e condenado à morte, mas no último momento, teve a sua pena comutada em deportação.

Passou cinco anos na Sibéria, sujeito ao regime de trabalhos forçados na companhia de criminosos comuns. Passou mais cinco anos como soldado raso em um batalhão siberiano, para cumprir o restante da pena. Nessa época, casa-se com Maria Issáievna.

VIDA LITERÁRIA

Anistiado em novembro de 1859, Dostoiévski volta para São Petersburgo totalmente transformado pela dura experiência. As recordações da vida no cárcere são descritas nos livros *Memórias da Casa dos Mortos* (1861) e *Memórias do Subsolo* (1864).

CRIME E CASTIGO

Em 1866 publica a obra Crime e Castigo, seu primeiro grande romance, que narra a história do estudante Raskólnikov, paupérrimo, que resolve matar uma miserável para salvar a si e sua família, mas logo se vê obrigado a matar outra pessoa, inocente, e sai sem ter roubado nada.

O jovem passa a viver da culpa pelo ato cometido. Suas conversas com o comissário de polícia destroem seus nervos. Por fim, confessa o crime a uma prostituta que lhe mostra o caminho do arrependimento e do Evangelho. A obra é uma grande reflexão existencial sobre como o ser humano se relaciona com as questões divinas.

Os DEMÔNIOS

Os Demônios, publicado em 1871, é um grande romance político, uma caricatura dos círculos de conspiradores, revolucionários, anarquistas, niilistas e ateus, que o escritor conhecia tão bem a partir da experiência própria e que ele denuncia por quererem destruir a Rússia e a Igreja Ortodoxa.

A obra foi alvo de ataques da imprensa, chegando a ser posta em dúvida o equilíbrio mental do autor.

Os IRMÃOS KARAMÁZOV

Os Irmãos Karamázov (1880) foi a última obra de Dostoiévski e é considerada a sua obra-prima. O romance é uma verdadeira teia de personagens e a obra é permeada pelo discurso indireto, com livres reflexões do próprio autor sobre os personagens.

Mais uma vez o crime é o tema central. Uma tragédia se abate sobre a família quando o velho Fiódor Karamázov é assassinado por um dos seus filhos.

Houve quem visse na trama uma alegoria da vida intelectual russa. O velho Karamázov, por exemplo, é a personificação de todos os pecados exuberantes e brutais da Rússia.

Características das obras de Fiódor Dostoiévski

Fiódor Dostoiévski era um escritor profundamente religioso, seus romances não só abordavam questões existenciais, culpas, suicídio e estados patológicos, como tinha predileção pelo fantástico, pela sátira e pela comédia.

O escritor também não hesitava em lidar com as grandes questões políticas e religiosas.

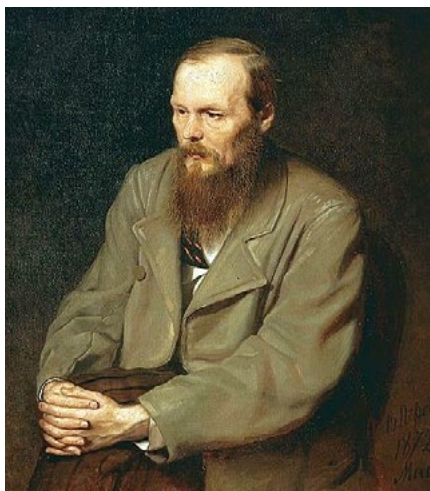


Imagem de Fiódor Dostoiévski

OBRAS DE MAIOR DESTAQUE DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

- Pobre Gente (1846)



- O Duplo (1846)
- Noites Brancas (1848)
- Humilhados e Ofendidos (1861)



- Memória da Casa dos Mortos (1861)
- Memórias do Subsolo (1864)
- Crime e Castigo (1866)



- O Jogador (1866)
- O Idiota (1869)
- Os Demônios (1872)
- O Adolescente (1875)
- Os Irmãos Karamázov (1880)

MORTE

Fiódor Dostoiévski faleceu em São Petersburgo, Rússia, no dia 9 de fevereiro de 1881 vítima de epilepsia.

Por Dilva Frazão

APELIDOS EM SÃO TIAGO

K: Ka – Ká, Ke – Ké, Ki – Ki, Kil, Kichute.

L: Lúcio (Luz), Lagarto, Leite, Lamba, Leitão, Langa, Lavagem, Lia, Lilia, Léu, Lica, Lico, Lili, Lelé, Lelê, Lalá, Lolô, Lolinha, Lino, Lindo, Leão, Linguíça, Lage, Lute, Lambida, Lita, Lulu, Lambari, Lobo Branco, Lobo Preto, Lobas, Lobinho(5), Lalau (tem muitos).

Autor: Tiago do Rosário Mendes Santiago – T. Béco

Nota: No boletim nº CLXI – fev/2021, na pág. 11, na seção Apellidos em São Tiago, onde se lê: lubranse, leia-se: Inhame.

O CARRASCO FORTUNATO JOSÉ

17 DE JULHO

1877 – O carrasco Fortunato. Nesta data, publica o periódico Mosaico Ouro-Preitano o torvo esboço biográfico de um velho negro sinistro e infeliz, o carrasco Fortunato, ainda então preso na cadeia de Ouro Preto, onde poucos anos depois faleceu, tendo realizado 87 execuções judiciárias!

Eis alguns apontamentos sobre essa lúgubre e consternadora existência:

Fortunato José, natural da freguesia – hoje cidade – de Lavras, era escravo de João de Paiva, cuja viúva, D. Custódia, criou-o com excepcional bondade e carinho. Esse tratamento generoso, quase maternal, não impediu que no moleque Fortunato se desenvolvessem os maus instintos que uma natureza ingrata lhe implantara, e tanto que ele bem cedo entregou-se ao jogo, à embriaguez e a outros vícios. Admoestado frequentemente mas com brandura por sua senhora, criou-lhe ódio, e um dia, enfurecido, prostrou-a morta com uma bordoadá certa. Foi isto em 1833; tinha então 25 anos o miserável, predestinado a uma vida medonha e abominável.

Preso, julgado e condenado à pena última, foi recolhido à cadeia de Ouro Preto. Mas aquela pena não teve execução, sendo de fato, por acordo com o assassino (!), comutada na prisão perpétua, com a obrigação de servir de algoz a outros miseráveis condenados à forca.

Fortunato dizia-se “empregado público” no seu ofício de executor da justiça...

Ele próprio forneceu a relação das execuções que consumara até 1874 (de então em diante não as houve mais no Brasil), tendo sido as primeiras em Ouro Preto, no mesmo ano de 1833 e em dia de Natal!! As vítimas foram dois desgraçados escravos. Declarava Fortunato que essas primeiras execuções lhe repugnaram, repugnância que aparecia-lhe sempre que era forçado a enforcar mulheres... Quanto aos homens, ficou habituado e cumpria a sua obrigação insensivelmente...

Fez na cidade de Mariana cinco execuções, compreendendo nelas os irmãos Maximiano e João Gomes, conhecidos por Tiracouros.

Disse que, de ordinário, os sentenciados revoltam-se contra os sacerdotes que buscam suavizar-lhes os tristes e últimos momentos.

Nos primeiros tempos de seu ofício, dormia em comum com os demais presos, inclusive aqueles que ele tinha em breve de enforcar. Mas estando na cadeia de Pitangui, um desses sentenciados à morte deu-lhe, durante o sono, profundas navalhadas no ventre, nas costas e nas mãos, das quais apresentava feias cicatrizes. Desde então ficou sempre separado dos presos condenados à pena última.

No seu cinismo inconsciente de negro boçal, afeito ao mais repugnante e hediondo viver, falava indiferentemente dos próprios atos, sem jactância mas sem vexame.

Notava que, devendo o emprego ser-lhe rendoso, pagavam-lhe mal: 12\$800 quando havia parte, 4\$800 quando era o pagamento feito pela municipalidade. “A melhor Câmara, observava cinicamente o carrasco, é a do Bonfim: pagou-lhe 12\$800 de nove execuções e ainda gratificou-me com 20\$000”

Alto, musculoso e ainda forte em 1877, apesar dos seus 69 anos, dos quais 44 de prisão, queixava-se apenas de sofrer reu-



matismo, acrescentando pacatamente que “se obtivesse a liberdade iria viver sossegado em algum canto”...

Exerceu o algoz Fortunato seu horroroso ofício em 29 localidades de Minas Gerais e duas da província do Rio de Janeiro, como se vê da seguinte sombria resenha de suas execuções: em Ouro Preto, 2; em Mariana, 5; no Serro, 1; na Conceição, 2; na Diamantina, 2; na Leopoldina, 5; em São João Nepomuceno, 1; no Mar de Espanha, 4; em Barbacena, 3; em Sabará, 4; no Curvelo, 3; em Pitangui, 2; em Queluz, 2; em São João del-Rei, 2; na Campanha, 1; em Caldas, 1; em Pouso Alegre, 1; no Bonfim, 9; na Oliveira, 5; no Pium-í, 1; no Araxá, 5; no Feijão Cru, 5; na Piranga, 3; no Rio Preto, 1; em Jacuí, 1; em Três Pontas, 1; em Baependi, 2; na Itabira, 4; em Uberaba, 3; na Barra Mansa, 1; em Campos, 5. Total: 87.

Fortunato, diziam, enforcara pai e mãe em São João del-Rei; mas ele protestava contra essa imputação, afirmando que tais execuções haviam sido feitas, não por ele, mas por seu antecessor, Antônio Rezende.

(...) Atrocíssima e repulsiva a sorte desta existência, resumida numa mocidade de ignorância, de vício, de ingratidão e de crime e em quase meio século de cárcere e de abjeção incomparável num ofício sinistro!

E pensar que tinha uma alma esse miserável, esse desgraçado, esse proscrito anônimo das alegrias e da luz! E que essa alma, obscurecida pela ignorância, talvez também pela fatalidade de um instinto irreprimível, foi-se enegrecendo progressivamente, cada dia internando-se mais e mais na zona tenebrosa dos espíritos réprobos, supremamente infelizes no seu irremediável destino!”

ARQ. PUBL. MINEIRO/DIVULGAÇÃO



Fortunato, reumático e esperando a morte na fria cadeia de Ouro Preto

Nota de Antônio Gaio Sobrinho: Eis aí um documento bem apropriado para uma aula sobre os horrores dos tempos da escravidão. Um negro desumanizado; afirmações, talvez, gratuitas e preconceituosas; ausência quase total de compaixão e dos verdadeiros carrascos. Mas, apesar disso, um relato valioso, graças a um repórter anônimo que fez essa entrevista. Quanto às duas execuções ocorridas em São João del-Rei, elas de fato aconteceram em novembro de 1850 e em junho de 1852... Se quiser saber mais sobre enforcamentos em São João del-Rei, veja o meu Livro “São João del-Rei através de documentos”



GUERRA DOS EMBOABAS 1707 / 1709

A denominada Guerra dos Emboabas foi um sangrento confronto travado, no período de 1707 a 1709, entre paulistas (também chamados vicentinos) e reinóis (portugueses) e ainda forasteiros vindos de várias partes da América Portuguesa, tendo como principal causa o direito de posse e exploração das jazidas de ouro recém descobertas na região das Minas.⁽¹⁾ Outros autores mencionam ainda, como causa subsidiária e também grave ponto de discórdia, o estanco ou monopólio de mantimentos por parte dos portugueses ligados à Coroa e os preços extorsivos então cobrados, gerando indignação dos paulistas.

Os paulistas, descobridores das minas, arrogavam, pois, o direito de exclusividade da exploração. A descoberta das riquezas, ao se espalhar, atraía milhares e milhares de forasteiros aos inóspitos e distantes rincões, não só portugueses, mas de outras regiões do Brasil, em particular, grandes levas de nordestinos. Baldas as tentativas de governadores como o da Bahia, D. Rodrigo de Castro, entre 1702 e 1705, de impedir a migração e êxodo dos súditos para as Minas, mesmo à custa de repressão armada e até a construção de presídios para confinar os migrantes. Os colonos nordestinos, em especial baianos e pernambucanos, sempre foram mais ligados aos portugueses do que aos paulistas, aliando-se àqueles durante o conflito.

Os estrangeiros, majoritariamente portugueses e aqueles vindos de outras capitanias brasileiras, por usarem calças e calçados - ao contrário dos paulistas que andavam frequentemente descalços e com calções - passaram a ser chamados, pejorativamente, de “emboabas”⁽²⁾ Os forasteiros, por sua vez, denominavam os paulistas de “nômades”, “bando-

leiros sem lei”, provocando cada vez mais tensão entre as partes, à medida que aumentava o fluxo populacional (chegada ininterrupta de pessoas) e a insistência das duas partes em controlarem a região, formando-se grupos ou partidos antagônicos. Paulistas e recém-chegados passaram, pois, a se hostilizar na luta pela posse da região e suas riquezas. Já em 1706, ampliam-se os desentendimentos e dissensões entre as partes, agravadas por brigas e mortes entre si. Em 1708, ocorreriam choques entre os dois lados.

Os paulistas eram liderados pelo ex-bandeirante Manuel de Borba Gato⁽³⁾, enquanto os emboabas tinham como líder Manuel Nunes Viana, português que viera jovem para a Bahia, homem de muitos negócios, ousado, arrogante e que mantinha lucrativas minas na região (ver Box)

Derrotados os paulistas, perdido o controle político da região, estes buscaram outros rincões, em especial Pitangui, Goiás e Mato Grosso. Com a região a custo pacificada, o governo colonial implantou medidas de aparelhamento administrativo como a fundação de vilas, a instalação das câmaras, a separação da capitania do Rio de Janeiro, ficando apenas a Capitania de São Paulo e Minas e, por conseguinte, formas de melhor arrecadação dos quintos, bem como o efetivo controle político sobre a irrequieta Capitania. Deve-se registrar que, após o fim da guerra, a produção de ouro aumentou de tal modo que a região tornar-se-ia a mais rica do Brasil, o que perduraria até meados do séc. XVIII, com o auge da produção em 1740 e o auge da arrecadação em 1760 (antes, o grosso do ouro era contrabandeado pelo Rio São Francisco).

A “Guerra dos Emboabas” foi tema do livro “A Muralha” da escritora Dinah Silveira de Queirós.

NOTAS

(1) Com a descoberta do ouro pelos bandeirantes paulistas, em fins do séc. XVII, milhares de aventureiros, oriundos de Portugal e de todos os rincões da América Portuguesa, sobretudo da costa leste nordestina, adentraram a região das minas, vasculhando grotões e sertões, ali se instalando no afã e na expectativa de enriquecimento rápido. Um turbilhão de pessoas – brancos, negros, nobres, plebeus, índios, homens, mulheres, pobres, ricos, até religiosos – à cata do ouro precioso.

Os paulistas, além de descobridores das minas, julgavam-se com maiores direitos pelo fato da região (das minas) pertencer, então, à Capitania de São Vicente e ainda pela condição da Coroa recorrer aos bandeirantes paulistas para vencer a guerra de Palmares e da Confederação dos Cariris (1686-1692)

(2) O termo “emboaba” vem do tupi geral ou nheengatu “mbo” (pata) + “aba” (peludo) e designava, originalmente, as aves com as pernas cobertas de penas. Denominação pejorativa com que eram designados os portugueses.

(3) Sobre Manuel da Borba Gato ver matéria em nosso boletim nº LXXIX - abril/2014.

Borba Gato guarda a entrada do bairro de Santo Amaro/SP



BORBA GATO X NUNES VIANA – A figura local mais importante era o paulista Manuel da Borba Gato que exercia as funções de superintendente das Minas do Poente e responsável, dentre tantas atribuições, pela fiscalização do caminho que unia a região à Bahia. Embora proibido o comércio direto entre as Minas e a Bahia, nos termos do Regimento das Minas (1702), objetivando impedir os descaminhos do ouro, os negócios persistiram. Os suprimentos vindos do Recôncavo e das marginais do Rio São Francisco eram vitais para os mineiros. Uma das maiores figuras do contrabando e da contravenção baiana era Manuel Nunes Viana, senhor de poderosa rede e organização de criadores de gado, comboeiros, fazendeiros, negociantes que forneciam mercadorias para as Minas. Assim, grandes comboios, com volumosos carregamentos, marchavam para a região das lavras, acompanhados de escoltas armadas, resistindo e confrontando as patrulhas que fiscalizavam as estradas. Borba Gato, em 1708, na condição de superintendente das minas, expulsou Nunes Viana, visto como o maior contrabandista e defraudador do Fisco Régio. Nunes Viana reage aos editais de expulsão, refulando a autoridade de Borba Gato, organizando um governo de reinóis com base em Cachoeira do Campo e investindo-se da condição de governador das Minas.

Foi o estopim para o conflito. Os paulistas, aquartelados em Sabará, foram derrotados pelos forasteiros sob o comando de Nunes Viana, que invadiram a cidade, incendiaram casas, saquearam, forçando os paulistas à fuga. Outra batalha ocorreria em Cachoeira do Campo, sendo os paulistas novamente derrotados, retirando-se estes para o Rio das Mortes, com o objetivo de reunir

forças e de contra-atacar. Sob o comando de Bento do Amaral Coutinho, os forasteiros fustigaram os paulistas, que, embrenharam-se pelos matos no intuito de emboscadas; foram, todavia, cercados e após deporem as armas, sob a promessa de perdão e liberdade, levados à presença de Bento do Amaral e ali mortos covardemente. Eram cerca de 300 paulistas, passando o ignominioso fato e o local, nas proximidades de São João Del-Rei, conhecido como “Capão da Traição”

A repercussão da chacina e os prejuízos do Erário Real levaram o governador Dom Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre a deslocar-se à região conflagrada, no intuito de pacificação, sendo hostilmente recebido pelos emboabas, retornando ao Rio de Janeiro sob ameaças de morte. Em 1709, o recém nomeado governador António de Albuquerque Coelho de Carvalho seguiu, incógnito, em direção às minas. Instalado no arraial de Caeté, convocou e determinou a Nunes Viana a deposição das armas em três dias. Reconciliado com o governo colonial, confirmado em seus postos e cargos, Nunes Viana retirou-se para o sertão do Jequitai, de onde retornaria, dai a tempos, para, novamente, perturbar a ordem pública e desancar as autoridades coloniais. Dele (Nunes Viana) teria afirmado o Conde de Assumar, em 1721: “Não saiu do inferno maior peste nem Deus deu aos sertões do Brasil maior castigo”.

Obviamente, Nunes Viana deixaria uma imensa “descendência” em nosso País, haja vista as quadrilhas de corruptos, ladrões do erário, contrabandistas, sonegadores, pestes tantas – muitas delas assentadas confortavelmente nos departamentos governamentais - que nos infestam ao longo dos tempos...

OBSERVANDO OUVINDO...

Sexta-feira comum, 9 horas da manhã. Fato ocorrido há alguns anos. Uma senhora aflitiva à porta do órgão municipal responsável pela expedição de guias e de emolumentos tributários, àquela hora fechada. Viera ela do norte de Minas, praticamente 800 km de distância, para passar uma escritura (fora casada com um morador desta localidade) e definir algumas providências com relação a bens de família, com imensas dificuldades e custos de locomoção. Lá deixara os filhos em tenra idade sob responsabilidade dos avós.

Não entendia ela porque o órgão achava-se fechado, assim como todas as repartições públicas locais. Outros cidadãos ali também se achegam, buscando atendimento. Até que um transeunte, conhecedor das particularidades locais, esclarece que não haveria expediente naquele dia. Recesso autorizado pelo prefeito, pois na véspera, quinta-feira, fora feriado, decidindo-se pelo prolongamento (“emendar a sexta”), o que com os recessos regulares de sábado e domingo, formavam quatro dias sem expediente! Aquilo era já um lugar comum na cidade. Espantou-se aquela senhora – pessoa humílima – que, nessa cidade, toda vez que havia um feriado na terça-feira, “matava-se” a segunda; se na quinta, “enforcava-se” a sexta... Tudo no gogó, pois, via de regra, não havia – ou não há – embasamento legal para tais recessos (a legislação brasileira já prevê quais dias são recessos e/ou feriados ao longo do ano. As instituições públicas não podem criar, à vontade, mais e mais recessos)

Alegava a administração municipal daquela cidade, conviver com extremas dificuldades financeiras e operacionais, dispendo ela tão somente de recursos para pagamento de pessoal. Daí aproveitar os recessos para reduzir custos com energia elétrica e água, combustível, material de consumo e por aí fora. Dessa forma, precárias as formas de investimentos e mesmo de custeios básicos como trocas de lâmpadas, conservação de estradas, reparos de ruas. Muito precisa, diga-se de passagem, para autorizar demolições de casas antigas e derrubadas das poucas árvores existentes nos logradouros públicos!

Uma pessoa, contribuinte, cidadão brasileiro viaja 800 km para processar um documento em uma repartição pública, em dia útil. Ela fechada por caprichos da administração local, obviamente com grandes prejuízos para a população e a economia local.. Não deveria, no mínimo, ter um serviço de plantão?

TURISMO E A DESTRUIÇÃO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E AMBIENTAL

Turismo é, sem dúvida, nos dias atuais, um dos grandes e pro-

WWW.JORNALDASLAJES.COM.BR / DIVULGAÇÃO



missores mananciais da economia, por se tratar de atividade intrinsecamente ligada às áreas de comércio, indústria, serviços, cultura, gerando empregos, fomentando o lazer, a gastronomia, artes etc. Nossa território, beneficiário e localizado no cerne de notáveis eventos e circuitos históricos – Estrada Real, Trilha dos Inconfidentes, Caminho do Ouro, Inconfidência Mineira – ao lado de sua vasta religiosidade e espiritualidade, pouco realiza, em termos efetivos, para se firmar como sólido polo turístico. Não fazemos, a bem da verdade, o dever de casa. Projetos, acaso existentes, são vazios, não correspondendo à prática desejada e exigida.

Vejam: como fortalecer e institucionalizar o turismo, entre nós, se jogamos ao chão todas as casas históricas (veja-se a deplorável, senão inacreditável demolição da “Casa da Botica”); se lançamos ao solo as poucas árvores que temos no perímetro urbano; se não reservamos devidamente áreas verdes e espaços viários em nossos bairros, principalmente alguns dos novos loteamentos; se até praças inteiras foram doadas; se as antigas fontes, chafarizes urbanos desaparecem, incorporadas a patrimônios particulares, quando deveriam ter sido revitalizadas, urbanizadas e colocadas a serviço do lazer público. Se dilapidamos nossos monumentos arquitetônicos, paisagísticos, o que oferecer aos nossos turistas?

Responsáveis são os poderes constituídos do município que, ávidos por quaisquer formas de receita, em particular IPTU, concedem licenciamentos tais que acabam por descaracterizar e desumanizar a cidade, correndo-se riscos sérios até mesmo de desertificação (falta de arborização adequada e aumento excessivo do calor) de favelização e anarquização urbana. Ademais: nenhuma providência oficial para relacionar e proteger as nascentes urbanas, a começar das antigas fontes; em se criar alamedas ou parques (que constam da Lei Orgânica). Projetos de arborização sofrem, por outro lado, vandalismos, total falta de consciência cívica, como se pode ver em várias ruas totalmente sem arboredo (moradores já foram vistos jogando água fervente em mudas plantadas pela Prefeitura ou mesmo por particulares, quebrando as hastes...).

O pior: pessoas sensatas que defendem a preservação ambiental, a arborização e florestamento urbano, a revalorização histórica (manutenção de prédios e monumentos antigos) são hostilizadas, como ocorreu, há algum tempo, com certo cidadão em ambiente público. A ganância de alguns não tem limites, ainda que sacrificando o bem estar de toda a população, em especial das futuras gerações...

DENOMINAÇÃO DE RUAS E DEMAIS LOGRADOUROS PÚBLICOS



Nenhuma preocupação, por outro lado, em homenagear os filhos ilustres da cidade, já falecidos e que tanto contribuíram para a comunidade, com a denominação de logradouros públicos. Quantos a merecer o registro de seus nomes! Tal competência é exclusivamente da egrégia Câmara Municipal, que, vem se mantendo passiva quanto ao assunto, porquanto novas ruas nos bairros vêm acolhendo, geralmente, nomes de familiares ou indicados pelos loteadores! Nada contra, desde que homenageemos igualmente tantos benfeitores da cidade, no passado, nas áreas da política, direito, agropecuária, enfermagem, medicina, educação etc. E há uma sonora listagem à espera!!!

Entende-se que a emérita Câmara Municipal, constituída por personalidades representativas e de alto conceito na sociedade, deve dispor de uma lista ou rol de benfeitores da comunidade e dessa forma, homenageá-los com o patronato de ruas, praças e mesmo monumentos públicos. E de forma preferencial. Contamos com dezenas de nomes de insígnias saotiaguenses e amigos diletos de São Tiago – religiosos, políticos, educadores, médicos, vultos do direito, empreendedores rurais e urbanos, músicos e demais atividades – além de cidadãos modelares, que, de forma simples e quase anônima, muito contribuíram para com a comunidade. E que jamais são lembrados...

MUDANÇAS E INOVAÇÕES NA AGRICULTURA

Grandes, incertas e intrigantes mudanças aguardam a humanidade nos próximos tempos em todos os setores do conhecimento humano com imprevisíveis resultados, extrapolando os limites de nossa imaginação e da própria ética. Na área da agropecuária genética, teremos novidades no melhoramento dos animais domésticos, na cura de doenças monogênicas, na conectividade, técnicas de modificação do DNA com aplicação na botânica e até mesmo na medicina. Na área da alimentação, fala-se na carne processada em laboratório, a partir de células de animais (foodtechs). As propriedades rurais terão obrigatoriamente que executar boas práticas de sustentabilidade, com respeito ao meio ambiente e biodiversidade, pois são fundamentais na produtividade (agronegócio), na conformação climática, além de exigências do mercado consumidor.

LEGISLAÇÃO & NOVIDADES

Aguarda-se, com ansiedade, a entrada em vigor do projeto de lei n. 5028/2019, já aprovado na Câmara dos Deputados, que institui a Política Nacional de Pagamentos e Compensações por Serviços Ambientais. O projeto prevê vantagens para quem mantém, recupera e faz melhorias da cobertura vegetal em áreas rurais e urbanas, voltadas para a conservação, o combate à fragmentação de habitats e corredores de biodiversidade, conservação de recursos hídricos, políticas de sequestro de carbono e afins. Esta política, prevista no Código Florestal, será gerida pelo Sistema Nacional de Meio Ambiente-SISNAMA, devendo os favorecidos se inscreverem no Cadastro Nacional de Pagamentos por Serviços Ambientais, comprovando obrigatoriamente a sua inscrição e regularização no CAR.

Outro projeto de lei n. 5191/2020, também já aprovado na Câmara dos Deputados, de interesse do empreendedor rural, refere-se ao financiamento das atividades rurais. O projeto cria o Fundo de Investimentos para o Setor Agropecuário-FLAGRO, permitindo que quaisquer investidores aportem recursos no FLAGRO, que serão aplicados em imóveis rurais, direitos creditórios, títulos de securitização, ativos financeiros, cotas em fundos de investimentos. Com isso, serão criados mecanismos no mercado de capitais, nos moldes dos certificados de agro, criados em 2005, com o mesmo objetivo (LCA, CDCA, CRA) reduzindo a dependência dos produtores rurais de financiamento com recursos do Tesouro Nacional, geralmente insuficientes, imprevisíveis ou inacessíveis. Ambos os projetos aguardam votação no Senado e posterior sanção pelo Poder Executivo.



TRAVESSIA EM TEMPOS DE INTOLERÂNCIA

Para a garantia de um mundo melhor, de uma nova ordem social, não há outra opção, senão os valores da educação, da cultura, do conhecimento, da ética, dos hábitos de ler, pensar, interagir. Isso aliado/integrado aos valores e princípios da tolerância, resiliência, alteridade, do acolhimento e respeito às diferenças de toda ordem pulsantes na sociedade. O desenvolvimento do amor próprio, da autoestima, do compartilhamento, de uma programação interna de mais valia.

A existência em sociedade é uma construção coletiva, onde atuam singularidades, particularidades, personalismos, ideologias as mais distintas, por vezes divergentes e que necessitam ser entendidas, compreendidas, respeitadas. Os pais não podem educar

os filhos em redomas ou ainda em liberdade plena, sem limites, pois, em algum momento, virão frustrações, decepções, muitos “nãos” – quantas vezes, a vida nos ensina com mão de ferro, com fel, naquilo em que pais e responsáveis, por fragilidade, por protecionismo excessivo, por negligência e omissão não o fizeram em casa. Ah! como é dura a escola da vida!

Segundo Freud, educar é tarefa impossível, pois o que se ensina não se harmoniza com o que se aprende. Lamentavelmente, observamos, convivemos com psicopatas; somos envolvidos por relações perversas, escolhas destrutivas, ainda que sob a aparente, aprisionante doçura de mel. Um mundo de drogados, aproveitadores, usurpadores, violentos, traidores, maldosos, insensíveis – mas igualmente, um mundo de pessoas abnegadas, amorosas, fiéis, de vocação humanista, capazes de mil sacrifícios, como as encontramos anonimamente.

Uma nova humanidade surge no horizonte, em meio às intolerâncias, aos fanatismos, aos preconceitos, aos segregacionismos. Serão novos tempos de tolerância, fraternidade, honestidade, justiça, compaixão, progresso pleno e equânime, novos céus e terras, de há tanto prometidos, anunciados...



ORIGENS DOS PRIMITIVOS POVOS DA AMÉRICA

Os povos mais antigos de nosso continente são denominados Pré-Históricos, pois viveram/viviam antes da descoberta da escrita. Várias são as hipóteses sobre a origem dos indígenas da América, incluindo os índios brasileiros. Acredita-se/supõe-se, comumente, pelos estudos vigentes, que sejam resultado da fusão de vários povos vindos, em diversas levas, em inúmeras épocas e de várias procedências: a) da Ásia, pelo estreito de Behring; b) da Austrália, pelo continente antártico; c) da Melanésia, pelas ilhas do norte do Oceano Pacífico; d) das regiões árticas da Ásia e da Europa (esquimós); e) da África, via Oceano Atlântico. Há ainda teorias não acadêmicas de que nossos indígenas são remanescentes de antigos povos fenícios ou mesmo atlantes (Atlântida, vasto continente desaparecido, segundo Platão, por volta de 10 000 anos a.C).

Os indígenas brasileiros, em particular os tupinambás, à época da chegada de Cabral, encontravam-se tecnicamente na “Idade da Pedra”. Os índios tupis, por exemplo, viviam numa sociedade sem classes, à exceção de um chefe denominado cacique ou morubixaba. Eram seminômades, morando em ocas ou cabanas, agrupadas em torno de um pátio, constituindo as ocaras ou tabas. Calcula-se que cerca de 5 milhões de indígenas viviam no atual território brasileiro, à época da chegada dos portugueses. Eram constituídos por grande número de tribos, podendo, a grosso modo, a partir de suas características culturais, serem classificados/distribuídos em quatro nações ou grupos linguísticos: os tupis, desde a Amazônia até o Rio Grande do Sul; os jês ou tapuias, concentrados na bacia do Araguaia-Tocantins; ; os nuaruaques, região do Pantanal e oeste do Amazonas; os caraíbas no Mato Grosso e norte do Amazonas, além de grupos menores. Até hoje foram catalogadas mais de 170 línguas faladas pelos índios brasileiros ⁽¹⁾.

Segundo a arqueóloga franco-brasileira Niede Guidon, os vestígios mais antigos dos habitantes das Américas remontam a 50 mil anos. Os primeiros habitantes, segundo ela, teriam vindo da África, eis o que demonstram as pesquisas arqueológicas da Serra da Ca-

pivara (PI) e Lagoa Santa (MG). Teriam vindo via Oceano Atlântico. A ossada mais antiga já encontrada no Brasil – infelizmente danificada no incêndio do Museu Nacional (02/09/2018) - é a de uma mulher, de traços negros – chamada pelos cientistas de “Luzia” – que teria vivido há cerca de 12 mil anos na área onde hoje se acha a cidade de Pedro Leopoldo.

Os primeiros povoadores do Brasil, segundo a Dra. Niede Guidon, seriam caçadores e coletores, deixando registros de sua civilização em mais de 940 sítios arqueológicos nos cânions da Serra da Capivara, eternizados em pinturas e representações de animais, caça, luta, até ato sexual. Eis uma tese a mais sobre a presença humana no Brasil e nas Américas, sendo consenso, entre os estudiosos atuais, de que os moradores da América chegaram por várias vias e em várias épocas. Assim, a teoria mais tradicional – de que o homem teria chegado às Américas há cerca de 12.000 anos, cruzando o estreito de Behring no Alasca – vem sendo questionada ou ampliada.

O Parque Estadual Monte Alegre, no Pará, guarda igualmente registros arqueológicos e antropológicos de mais de 12 mil anos, como pinturas rupestres, pigmentos de cerâmica, ossadas humanas. O primeiro estudioso a registrar as pinturas rupestres de Monte Alegre foi o naturalista inglês Alfred Russel Wallace em 1848 (O dr. Wallace é considerado pioneiro e coautor, ao lado de Charles Darwin, da teoria de evolução das espécies) Os mesmos sítios foram também estudados pela arqueóloga americana Anna Roosevelt em 1991-1992.

Outros sítios arqueológicos brasileiros: I – Sítio Santa Elina, no município de Jangada, no Mato Grosso, considerado o 2º mais antigo do Brasil (os registros de ocupação humana ali datam mais de 25 mil anos); II – Sítio da Capivara em São Raimundo Nonato, no Piauí, declarado patrimônio cultural da humanidade pela UNESCO. O local guarda valiosíssimo acervo com registros de ocupação humana de mais de 50 mil anos; III – Sítio Lapa do Boquete, em Ja-

nuária, Minas Gerais, com registros da presença humana de mais de 12 mil anos, guardando inclusive resquícios de sepultamentos de mais de 7 mil anos; IV – Sítio Lapa do Santo, em Lagoa Santa (MG), onde foi encontrado o crânio de Luzia (são registros humanos também de mais de 12 mil anos)

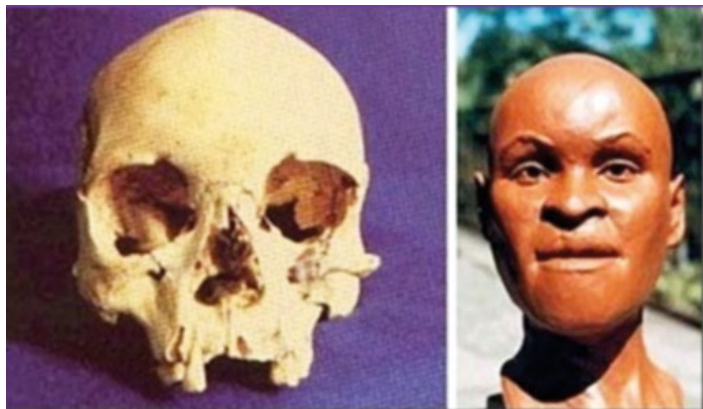
PRIMITIVOS HABITANTES DE MINAS GERAIS

O Estado de Minas e todo o País são repletos de vestígios arqueológicos, um patrimônio valiosíssimo que nos cabe conhecer e preservar. As ossadas mais recentes encontradas apontam feições negroides – não mongoloides como as de nossos indígenas. Ou seja, povos ancestrais semelhantes aos aborígenes australianos, que poderiam ter chegado à América em ondas migratórias mais antigas ou mesmo pelo mar, há cerca de 50.000 anos. Posteriormente, as regiões foram ocupadas por imigrantes de origem mongólica, que acabaram por cobrir todo o continente, subdividindo-se em grandes civilizações, etnias e tribos, até a chegada dos europeus nos séculos XV e XVI de nossa era.

Acredita-se que os primeiros moradores do Estado de Minas Gerais, segundo estudos arqueológicos e paleontológicos, ocorreram nos atuais municípios de Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Vespasiano, Sete Lagoas, Santana do Riacho, Entre Rios de Minas, Montalvânia, Januária, Itacarambi, onde existem sítios arqueológicos pesquisados.

Sítio arqueológico é o local onde se encontram evidências da vida de povos humanos mais antigos, como o que foi encontrado em Lagoa Santa: um crânio humano atribuído a uma mulher, de traços negros, apelidada de “Luzia”, que teria vivido na região há aproximadamente 12.000 anos (infelizmente, o crânio de “Luzia” foi danificado no incêndio do Museu Nacional do Rio de Janeiro em agosto de 2018) O povo “Luzia” convivia com tatus e preguiças gigantes, mamíferos hoje extintos. Dependiam da caça e da coleta, não conheciam a agricultura ou a cerâmica (2) Teriam vivido e ocupado a região até 7.000 a.C, sendo que, após um hiato de 3.000 a.C, a região passou a ser ocupada por povos horticultores, de feições asiáticas mongoloides, ancestrais dos atuais indígenas.

A região de Lagoa Santa e Pedro Leopoldo, segundo os especialistas, possui a maior concentração de esqueletos antigos, com menção para o sítio arqueológico da Lapa Vermelha nas proximidades de Confins. Acham-se nesta área o Circuito das grutas



Luzia, o mais antigo fóssil das Américas

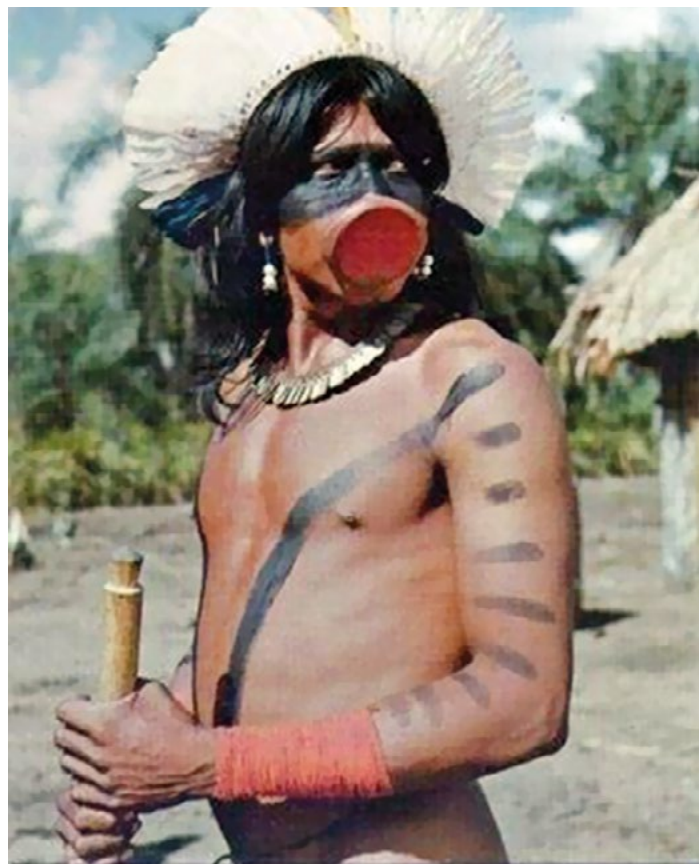
Maquiné, Lapinha, Faustina e Rei do Mato. Os seres humanos pré-históricos faziam pinturas e representações nas grutas, cavernas, paredes, que hoje denominamos de pinturas rupestres. Existem muitas dessas pinturas no Estado de Minas Gerais, como no município de Santana do Riacho, na região da Serra do Cipó. Há outros sítios históricos e arqueológicos a serem pesquisados como na região do Alto Jequitinhonha.

Os cientistas acreditam que os grupos mais antigos que habitaram ou povoaram o interior mineiro se extinguíram ou foram mortos por outros grupos que chegaram posteriormente, por volta de 3.000 a 4.000 a.C. daí originando-se os indígenas mineiros. À época da descoberta do Brasil (1500), eram cerca de 100 povos

indígenas que habitavam o território de Minas Gerais, número hoje remanescente de cerca de 8 povos, espalhados pelo Estado, em especial na região norte. São eles os povos Xacriabá, Maxacalis, Krenak, Pataxó, Pankararu, Kaxixó, Xucururu-Kriri e Araná.

O número de índios foi extremamente reduzido, praticamente dizimado, dado o genocídio perpetrado pelos portugueses e bandeirantes contra tais povos (guerras e conflitos) gerando milhares de mortos, além das doenças trazidas pelos “brancos”. As tribos restantes em nosso Estado, apesar de leis que protegem os direitos dos povos indígenas, são vítimas constantes de invasões de terras, violações de toda ordem, desrespeito à sua cultura. Muitas das comunidades acham-se instaladas em terras inférteis, chegando seus membros a passarem provações como a fome.

Dezenas de municípios mineiros devem seus nomes à herança indígena, inclusive em nossa região: Itaguara, Itutinga, Itumirim etc. A cultura indígena, ademais, nos influencia na língua, na alimentação, na religião, no folclore, sendo fundamental o seu direito em especial à terra, de forma a satisfazerem as suas necessidades na preservação de sua identidade, suas crenças, suas tradições, sua organização tribal, sua fé.



Índios Botocudos

NOTAS

(1) Recomendamos as seguintes obras sobre os indígenas brasileiros: Boris Fausto “História do Brasil”, Edusp, 8ª ed. 2000; Jorge Caldeira “Viagem pela História do Brasil” Ed. Schwarcz/Cia das Letras, 1997; Couto de Magalhães “O Selvagem”

(2) As pesquisas na região iniciaram-se na década de 1840, com a presença do cientista dinamarquês Peder Wilhelm Lund (1801-1880), e que continuam, até os dias atuais, hoje coordenadas por arqueólogos da USP. Os sítios formam hoje o Parque Estadual do Sumidouro, com locais de escavação preservados e de onde saíram os fósseis e ossadas de animais descobertos por Peter Lund.

Outro grande parque em Minas Gerais é o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, em Januária, que agrupa um destacado conjunto de cavernas, cujas pinturas rupestres mais antigas datam de cerca de 11.000 anos.

Foi o Dr. Lund quem revelou ao mundo a pré-história brasileira, tornando-se assim o “pai da paleontologia brasileira”.

COISAS DA VIDA

Aguardávamos num posto de combustíveis em Betim, às margens da Rodovia Fernão Dias, uma carona – já previamente combinada – para retornarmos a São Tiago. Era entardecer e o volume de veículos em trânsito ampliava-se, sobremaneira. Acomodados numa cadeira, à porta do restaurante, mesas dispostas em círculos, folheávamos um livro sobre filosofia.

Aproximou-se um estranho, rogando educadamente licença para sentar-se, cadeira vazia ao lado. Portava uma lata de refrigerante. Senhor de seus 60 anos, medianamente vestido, tez clara, porém curtida, aparência sofrida, voz e corpo ligeiramente trêmulos, olhos fundos, pervagantes. Pergunta-nos, atropeladamente:

- O sr. é viajante?!... Caminhoneiro, por acaso?!...

Observando-nos melhor, talvez pelo fato de estarmos mergulhados num grosso volume – Ah, o senhor deve ser escritor ou filósofo... Ou quem sabe jornalista...

Sem nos dar tempo para quaisquer respostas ou comentários, adiantou:

- Como invejo os viajantes, principalmente os caminhoneiros... Viajam para longe, vêm paisagens diferentes, espaírem suas dores, esquecem, talvez, a solidão e os sofridos amores... Ah, como eu gostaria de conhecer o Rio Amazonas ou a Cordilheira dos Andes... Dizem que o Amazonas é tão largo quanto a distância deste posto aqui até a Serra do Curral...

Interrompemos sua observação, dizendo-lhe que o Rio Amazonas em alguns lugares e estações, quando de intensos aluviões, chegava a ter 100 quilômetros de largura, o que o impressionou deveras...

- Não é possível... Cem quilômetros de largura... Como é bom saber as coisas!...

E acrescentou, escandindo as palavras em demorada, melancólica entonação:

- Da mesma forma, invejo os escritores, filósofos que navegam por mundos desconhecidos, por mentes e mares interiores... Ah, Deus não me deu essa percepção ou modalidade de sentimento...

No posto, um entra e sai de veículos, principalmente caminhões, carretas, alguns se abastecendo, outros ganhando os vãos e desvãos da estrada.

O homem, olhar distante, prossegue: (percebe-se nele a ânsia compulsiva de falar)

- Moro sozinho, há anos, aqui por perto. Aposentado por invalidez, depois que os exames detectaram uma grave cirrose. Sou natural de Sete Lagoas. Só tenho, de parentela, um irmão vivo que mora, até hoje, por lá e quer que eu volte para a terra natal, o que eu, talvez, faça um dia...

Dá longo suspiro, longos esgares que lhe vincam o enrijecido rosto

(denotando-se dores agudas internas) e continua: - Órfãos, fomos criados por um tio. Já fiz de tudo na vida: trabalhador em construção civil, tintureiro, taxista, motorista de ônibus urbano, mascate... Vida dura, pô!...

Percorre longamente a vista, em torno. – O que me dói, porém, é algo mais fundo, e nada, nada poderá me confortar, embora passados tantos anos... É, por isso, que venho aqui todos os dias e passo a conversar com os frequentadores do posto... Uns dão-me atenção, outros jogam-me louco, mas, pelo menos, enquanto falo, mitigo minha dor...

- Mas, que dor é essa, amigo, que tanto o angustia e o conduz até aqui diariamente?, ousamos perguntar.

Como um autômato, voz amarga, nos esclarece (decerto, tendo-o repetido já dezenas de vezes para os mais diversos interlocutores):

- Fui casado, com esposa e três filhos, um de 8, a filha de 10 e o outro filho de 13 anos, então. O mais velho sempre dizia que quando crescesse, seria caminhoneiro. A filha era um encanto de menina, que eu tanto adorava. O caçula ainda me lembro, trajado com seu uniforme escolar, mochila às costas, era ele um garoto inteligentíssimo, o melhor da classe. Sonhava para ele um brilhante futuro. Morávamos aqui em Betim. A firma em que eu trabalhava, à época, contratou um serviço em Ilha Solteira, no Estado de São Paulo e para lá fomos todos os funcionários mandados. Lá permaneci oito meses, direto, deixando a família em Minas... Era longe, meu salário contado e ficava muito caro custear a viagem para vir aqui vê-los.

Prossegue, após um breve suspiro:

- Sempre me considerei um bom marido, um bom pai... Embora distante, lutando honestamente para ganhar o pão, mandava religiosamente o dinheiro para a família. Telefonava-lhes quase todos os dias. – Tudo bem, sempre diziam a esposa e os filhos.

Quando retornei para visitar a família, oito meses passados, encontrei a casa fechada. Informei-me com vizinhos, conhecidos, familiares de minha esposa, polícia, nada... Desapareceram, levando tudo. Lá se vão doze anos! Todas as minhas tentativas para localizá-los, falharam. Recorri a grupos de desaparecidos, imprensa, nada, programas de televisão, agências de pessoas desaparecidas. E quanto me dói, não ter notícias de meus filhos, hoje adultos... Onde estarão? Como estarão? O que foi feito deles? Foram vítimas de algum extermínio? Fugiram e fogem de mim – por quê?!

Com visíveis lágrimas nos olhos, finalizou: - Desde então, venho aqui todos os dias, quem sabe, algum caminhoneiro desses jovens aí, talvez possa ser meu filho...

Após enxugar grossas lágrimas, desculpou-se, retirou-se do local, ganhando a rua. Informamo-nos junto aos frentistas do posto e atendentes do restaurante anexo. Todos esclareceram que, há mais de 10 anos, aquele senhor frequentava o posto, contando a mesma história, de cor e salteado, aos funcionários e frequentadores. Os mesmos detalhes, a mesma dor, a mesma lancinante solidão!

JPO

KRUSHCHEV E OS CRIMES DE STALIN

Quando Kruschchev pronunciou seu célebre discurso contra Stalin, comenta-se que alguém no Salão do Congresso teria dito, a meia voz:

- Onde estava você, camarada Krushchev, quando todas essas pessoas inocentes estavam sendo massacradas?

Krushchev parou, percorreu todo o salão com os olhos e disse:

- O homem que acabou de fazer essa pergunta poderia ter a bondade de se levantar?

Silêncio total. A tensão foi crescendo no enorme salão. Ninguém se mexeu. Ninguém ousou abrir a boca. Até que Kruschchev disse:

- Bem, seja lá quem for, já tem a resposta à sua pergunta. Eu estava exatamente na mesma posição em que você está agora.



(Crônica Russa)